

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURAS VERNÁCULAS
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Indianara Hoffmann

A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO:
REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO DAS MULHERES
NA SOCIEDADE BRASILEIRA DOS ANOS 40

Florianópolis

2021

Indianara Hoffmann

A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO:
REFLEXÕES SOBRE A CONDIÇÃO DAS MULHERES
NA SOCIEDADE BRASILEIRA DOS ANOS 40

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras,
Língua Portuguesa e Literaturas apresentado ao
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da
Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do
título de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susan Aparecida de Oliveira.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hoffmann, Indianara

A vida invisível de Eurídice Gusmão : reflexões sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira dos anos 40 / Indianara Hoffmann ; orientadora, Susan Aparecida de Oliveira, 2021.

56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. A vida invisível de Eurídice Gusmão. 3. Condição feminina. 4. Literatura brasileira. 5. Literatura e sociedade. I. Oliveira, Susan Aparecida de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.

For most of history, Anonymous was a woman.

(Virginia Woolf)

RESUMO

O romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, da escritora brasileira Martha Batalha, publicado em 2016, retrata de forma ficcional a condição das mulheres na sociedade brasileira dos anos 40. Com base nesta obra, o presente estudo tem o objetivo de analisar o perfil da protagonista Eurídice, através dos eixos trabalho, casamento, sexualidade e maternidade – com um recorte de gênero, raça e classe –, bem como identificar os tipos de opressão sofridos pela personagem no decorrer da narrativa e comparar com a realidade das mulheres com o mesmo perfil que viveram no Brasil nos anos 40. O estudo também traz reflexões sobre o pensamento e os costumes patriarcais vigentes da época e seu impacto – direto ou indireto – na vida das mulheres brasileiras até os dias atuais, além de ressaltar a importância da leitura de obras como esta, como forma de entender melhor a sociedade.

Palavras-chave: *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. Condição feminina. Literatura brasileira. Literatura e sociedade.

ABSTRACT

The novel *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, by the Brazilian author Martha Batalha, published in 2016, portrays in a fictional way the condition of women in Brazilian society in the 1940s. Based on this novel, the presente study aims to analyze the profile of the main character Eurídice, supported by the strands of work marriage, sexuality and motherhood – with a focus on gender, race and class –, as well as identify the kinds of oppression suffered by the character throughout the narrative and compare them with the reality of women with the same profile who lived in Brazil in the 1940s. The study also brings reflections on current patriarchal thinking and customs at the time and its impact – direct or indirect – on the lives of Brazilian women to the present day, in addition to highlighting the importance of reading works like Batalha’s novel as a way to get to know society better.

Keywords: *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. Women condition. Brazilian literature. Literature and society.

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 08 |
| 2 | O PERFIL DE EURÍDICE GUSMÃO | 10 |
| 2.1 | CONHECENDO O ROMANCE E A PROTAGONISTA | 10 |
| 2.2 | TRABALHO | 12 |
| 2.3 | CASAMENTO | 19 |
| 2.4 | SEXUALIDADE | 23 |
| 2.5 | MATERNIDADE | 28 |
| 3 | A CONDIÇÃO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA: DOS ANOS | |
| 40 | AOS DIAS ATUAIS | 35 |
| 4 | CONHECENDO A SOCIEDADE ATRAVÉS DA LITERATURA | 47 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 50 |
| | REFERÊNCIAS | 52 |

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresenta-se uma análise do livro *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, publicado em 2016 no Brasil. Trata-se do primeiro romance da autora pernambucana Martha Batalha. Antes mesmo de chegar às livrarias brasileiras, foi publicado na Alemanha, destacando-se internacionalmente. Apesar de ter sido publicada recentemente, a obra é considerada extremamente relevante, principalmente pela Crítica Feminista e pelos Estudos de Gênero, por retratar, ainda que de forma fictícia, a vida de mulheres que foram oprimidas por uma sociedade patriarcal e historicamente invisibilizadas, traçando um paralelo entre Literatura e Sociedade.

Em 2019, a obra ganhou uma adaptação cinematográfica intitulada *A vida invisível*, dirigida por Karim Aïnouz. No mesmo ano, o filme foi premiado no Festival de Cannes e cogitado a representar o Brasil na 92ª edição do *Oscar*, concorrendo na categoria de Melhor Filme Estrangeiro. A repercussão do filme deu ainda mais visibilidade à obra que o inspirou. Porém, este trabalho analisa somente o livro.

Ambientada no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, a obra narra a trajetória de Eurídice, uma mulher brilhante, mas criada para ser uma boa esposa e dedicar-se exclusivamente ao lar. Não se resignando a esta condição, Eurídice buscava maneiras de resistir. De acordo com a contracapa do livro, Eurídice é “a mulher que poderia ter sido”. Poderia ter dado continuidade aos seus estudos, tido sucesso em qualquer carreira profissional que se dispusesse a seguir, realizado todos os seus sonhos... não fossem as condições desfavoráveis que lhe foram impostas.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar o perfil da personagem Eurídice através dos eixos trabalho, casamento, sexualidade e maternidade – com um recorte de gênero, raça e classe –, identificar os tipos de opressão sofridos pela personagem no decorrer da narrativa e comparar com a realidade das mulheres de perfil semelhante que viveram na sociedade brasileira nos anos 40. O estudo também traz reflexões sobre o pensamento e os costumes patriarcais vigentes da época e seu impacto – direto ou indireto – na vida das mulheres até os dias atuais, além de ressaltar a importância de lermos obras como essa para conhecermos nosso passado.

O trabalho divide-se em três capítulos principais. Após a introdução, no primeiro capítulo, dividido em quatro seções, apresentaremos a personagem Eurídice e analisaremos algumas das opressões sofridas pela personagem no decorrer da narrativa. Também será analisada a forma como a narradora descreve as relações familiares e

sociais, as subjetividades da personagem, bem como suas frustrações e os efeitos das violências sofridas, através de evidências textuais encontradas em excertos da obra.

No segundo capítulo, refletiremos sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira, dos anos 40 aos dias atuais, analisando as mudanças ao longo destas oito décadas.

No terceiro capítulo, abordaremos a relação entre literatura e sociedade, refletindo sobre a importância de lermos sobre o passado das mulheres, para que possamos construir um presente e um futuro melhores.

Por fim, serão tecidas as considerações finais referentes a este trabalho de conclusão de curso.

2 O PERFIL DE EURÍDICE GUSMÃO

2.1 CONHECENDO O ROMANCE E A PROTAGONISTA

O romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão* é ambientado no subúrbio do Rio de Janeiro, tendo por início a década de 40 e estendendo-se pelas décadas seguintes. Utilizando-se de narração em terceira pessoa (onipresente), vários eventos políticos e sociais da história do Brasil servem de pano de fundo para os eventos ficcionais. Sendo assim, à medida que as décadas avançam, o leitor acompanha não somente a evolução das personagens, como também as mudanças sociais. As protagonistas são Eurídice e Guida Gusmão, sua irmã mais velha. As personagens femininas secundárias também são fascinantes, como Zélia (vizinha de Eurídice), Filomena (amiga de Guida) e Maria das Dores (empregada de Eurídice). A respeito das protagonistas,

As duas foram criadas numa família simples e com laços fortes com representações tradicionais, patriarcais e também embasadas na ideologia trabalhista. Após uma mudança repentina no comportamento de Guida e a decorrente quebra na intimidade das irmãs, ocorre o rompimento total que se efetiva com o desaparecimento da irmã mais velha. Esse desaparecimento significa para a família um abalo psicológico e social de imensas proporções. Eurídice e Guida são dois modelos de mulheres com trajetórias individuais diferentes, porém oprimidas pela mesma estrutura social patriarcal e machista. A história de cada uma delas, entretanto, demonstra como essa estrutura opressora possui diversos modos de enquadramento e delimitação de espaços discursivos, bem como de práticas permitidas para mulheres. (MEDEIROS, 2019, p.60)

Guida não desaparece misteriosamente, mas sim, foge para casar-se com o namorado, sem deixar nem mesmo uma carta de despedida. Apesar de sua trajetória também ser digna de análise, este trabalho tem como foco Eurídice, que “conecta os diversos haver personagens que vão surgindo e desaparecendo” (MEDEIROS, 2019, p. 61). Eurídice é uma mulher jovem, branca, heterossexual, de classe média, filha de pai português e de mãe brasileira. Apesar de levarem uma vida simples (o pai dono de quitanda e a mãe dona de casa), a típica família tradicional não passava necessidades e até se permitiam certos “luxos”, como as filhas terem aulas particulares de música e de francês após a escola. De acordo com o prólogo da obra, as protagonistas foram baseadas

nas avós da autora e nas avós dos próprios leitores, por se tratarem de representações bastante realistas.

Eurídice é uma mulher comum, uma dona de casa que se casou ainda jovem com um funcionário do Banco do Brasil. Ela cuida da casa, atende às necessidades do marido e dedica-se aos filhos como toda dona de casa era orientada a fazer em sua criação. O leitor conhece, entretanto, outro lado dessa personagem, Eurídice possui momentos em que é consumida por um tédio ao estilo *Mrs Dalloway*, neles a depressão é sugerida, mas não há maiores esclarecimentos sobre ela. (MEDEIROS, 2019, p. 61)

Por ter se casado com um servidor público do Banco do Brasil – cargo bem remunerado e de prestígio para a época –, Eurídice não precisa preocupar-se com as questões financeiras e pode dedicar-se inteiramente ao lar. Não só pode, como esta é uma das exigências do marido, que não permite que ela trabalhe. O marido de Eurídice é extremamente exigente com a limpeza e a organização da casa, com a educação das crianças, com a comida que lhe é servida... com tudo. Ao chegar em casa, após o dia de trabalho, Antenor encontra sempre a casa impecável, o jantar servido, as crianças de banho tomado e nada para por defeito.

É importante pontuar que a história de Eurídice

não é a única história das mulheres da época. As interseccionalidades engendram diversos modos de opressão. Maria das Dores, a empregada doméstica de Eurídice, tem a presença barrada na narrativa porque nos anos 1950-1960 as empregadas domésticas não ocupavam um lugar visível na história das mulheres. [...] As opressões marcam diferentemente os diversos corpos das mulheres. Martha Batalha conta a história de diversas mulheres, mas não de todas. (MICHAELSEN; RAMOS, 2020, p. 19-20)

Maria das Dores é uma mulher negra e pobre que passa a maior parte do dia trabalhando na casa de Eurídice. Ainda assim, Eurídice está sempre às voltas supervisionando o trabalho dela (vendo se está do agrado de seu marido) e realizando também alguma atividade doméstica (uma forma de manter-se ativa, ocupar o tempo e sentir-se útil), ainda assim, seus dias eram longos demais e ela constantemente era consumida pelo tédio, o que a levava a planejar e a colocar em prática alguns projetos pessoais – maneiras de resistir às opressões e tristezas de sua vida.

É importante levarmos em conta que manter uma casa sempre impecável e satisfazer um marido extremamente exigente demanda bastante trabalho e tempo.

Portanto, se Eurídice conseguia realizar suas atividades domésticas e ainda sobrava bastante tempo para o tédio, é porque grande parte do trabalho doméstico era realizado por Maria das Dores, que provavelmente desconhecia esse sentimento, já que estava sempre ocupada correndo atrás de seu suado sustento.

Embora muitas das formas de opressão atingissem – e ainda atinjam – as mulheres de todas as raças e classes sociais, essa diferença de raça e de classe entre a patroa e a empregada é um exemplo de que a condição das mulheres geralmente varia de acordo com a cor da pele e a classe social: mulheres brancas e de classe média eram destinadas exclusivamente ao lar, limitando-se a assumirem os papéis de donas de casa, esposas e mães; já as mulheres negras e pobres precisavam buscar o sustento fora de casa, sujeitas a sofrer todo tipo de preconceito (além de, muitas vezes, serem também esposas, mães e donas de casa, acumulando vários papéis). De acordo com Angela Davis, “as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas” (DAVIS, 2016, p. 24).

Maria das Dores era mãe de três filhos que se criavam sozinhos, que se alimentavam dos pratos que ela guardava no forno e se vestiam das roupas que ela deixava na cômoda, e que agora já tinham idade para andar soltos na casa, não sendo mais necessário acorrentá-los no quarto para se manterem longe das facas e fogos da cozinha. Mas esta não é a história de Maria das Dores. Maria das Dores inclusive só aparece por aqui de vez em quando, na hora de lavar uma louça ou fazer uma cama. Esta é a história de Eurídice Gusmão, a mulher que poderia ter sido. (BATALHA, 2016. P. 38)

“Ao deixar claro no texto sobre as histórias que não serão contadas, Batalha também alcança o artifício de dizer muito através do silêncio” (DUTRA, 2018, p.168), evidenciando que outras mulheres incríveis foram tão – ou até mais – silenciadas e invisibilizadas na história das mulheres quanto Eurídice.

2.2 TRABALHO

Eurídice precisava fazer algo com seu tempo ocioso. Ela pensava que a vida não poderia ser só aquela mesma rotina.

Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela

escreveria clássicos. Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar. E foi assim que concluiu que não deveria pensar. Que para não pensar deveria se manter ocupada todas as horas do dia, e que a única atividade caseira que oferecia tal benefício era aquela que apresentava o dom de ser quase infinita em suas demandas diárias: a culinária. Eurídice jamais seria uma engenheira, nunca poria os pés num laboratório e não ousaria escrever versos, mas essa mulher se dedicou à única atividade permitida que tinha um certo quê de engenharia, ciência e poesia. (BATALHA, 2016, p. 12)

Eurídice passa a se dedicar à culinária, inventando toda sorte de pratos – doces e salgados – e anotando suas receitas em um caderno. “Era seu diário, aquele. O relato do que fez para suportar os anos de exílio doméstico, para tornar menos opressoras as paredes daquela casa” (BATALHA, 2016, p. 30). Neste sentido,

É interessante notar que a escrita sempre andou junto às mulheres, nem sempre como atividade profissional, mas sempre ocupando um lugar especial na vida delas. O fato de ter “um caderno só seu” (estabelecendo um link com Woolf), remetia ao pouco espaço de privacidade garantido às mulheres, mas também a certeza de que aquele espaço conquistado não seria invadido por ninguém, pois assim como o quarto deveria ser de acesso exclusivo, o caderno tornou-se esse espaço em que só a dona de casa tinha acesso: poderia ir e vir com plena liberdade. Mais do que um caderno de receitas, aquele espaço registrava, como em um diário, memórias que as donas de casa não queriam que ficassem esquecidas. (DIAS, 2020, p. 69)

Após meses trabalhando em sua cozinha, Eurídice anima-se com a ideia de expandir seu projeto pessoal.

Seu caderno de receitas era um livro pronto; ela queria publicá-lo, e quem sabe fazer outro em seguida. Eurídice poderia ter um programa culinário na rádio, poderia assinar uma página no *Jornal das Moças!* Poderia abrir um curso de forno e fogão para mocinhas recém-casadas. Seus olhos grandes ficaram maiores. Era possível, só precisava falar com Antenor. Sim, só precisava falar com o marido. Os olhos diminuíram. (BATALHA, 2016, p. 12-13)

Eurídice pedia a permissão do marido para tudo que fugisse do habitual, pois sabia que ele gostava que as coisas continuassem sempre do mesmo jeito e, aos olhos dela, ele era um “bom marido” e ela não deveria desagradá-lo. E assim, obedeceu quando ele chamou seu projeto de “besteira”, argumentando que ninguém compraria um livro escrito por uma dona de casa.

Há na fala do marido a inferência do desprestígio social dedicado pela sociedade às mulheres que trabalhavam com suas atividades domésticas. Por gerações, a vida no âmbito privado foi incentivada para mulheres consideradas “de família”. O casamento, o cuidado com a casa e os filhos, deveriam ser o sonho e a prioridade na vida das chamadas mulheres “direitas”. Esse trabalho contava com pouca valorização social, o reconhecimento da boa dona de casa, da boa mãe, ocorria muito mais na negação e na condenação daquelas que não se adequassem às regras da família tradicional. Eurídice sentiu desde cedo essa falta de reconhecimento. Em uma passagem do texto, explica-se que ela não achava que valia muito e a explicação que ela mesma tinha para isso incluía uma noção sua sobre o próprio papel de mulheres como ela na sociedade: “Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo da profissão ele deve escrever as palavras “Do lar” (BATALHA, 2016, p. 11 apud MEDEIROS, 2019, p.62-63)

Após a desilusão com o projeto culinário, passam-se meses e Eurídice começa a dedicar seu tempo à costura. Inicialmente, cria peças de roupa para ela e para seus familiares. À medida que suas criações passam a fazer sucesso entre as vizinhas, ela começa a aceitar encomendas e inicia um pequeno negócio, realizado às escondidas, no horário em que Antenor está no trabalho. Tudo corre bem, até o dia em que o marido fica doente e chega em casa mais cedo, se depara com um ateliê na sala de sua casa e fica furioso.

A autora esclarece que Eurídice não teve muitas dificuldades em por meses esconder os vestígios materiais de seu negócio, porque o marido possuía mesmo em casa uma rotina também pautada em seu papel de gênero. Antenor conhecia os limites que não deveria ultrapassar no âmbito doméstico, para assim manter-se a ordem das relações familiares. Como ensinava o *Jornal das Moças*: “O marido perfeito [...] não deve entrar na cozinha nem que o guisado lhe atraia o olfato.” (JORNAL DAS MOÇAS, 1945 apud MEDEIROS, 2019, p. 66)

Com o argumento de que “iam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais” (BATALHA, 2016, p. 52), Eurídice abandona mais um projeto com bastante potencial, para não “envergonhar” o marido. O desagrado de Antenor ao ver sua esposa trabalhando, condiz com o pensamento machista predominante da época:

Para muitos médicos e higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família. De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderiam se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados nos anos mais importantes de formação do seu caráter? Tais observações levavam, portanto, à delimitação de rígidos códigos de moralidade para mulheres de todas as classes sociais. [...] Desde a

famosa “costureirinha”, a operária, a lavadeira, a doceira, a empregada doméstica, até a florista e a artista, as várias profissões femininas eram estigmatizadas e associadas a imagens de perdição moral, de degradação e de prostituição. (DEL PRIORE, 2004, p. 472)

Quanto ao comportamento submisso de Eurídice, era comum as meninas serem ensinadas desde cedo – por suas mães e irmãs mais velhas – a curvarem-se perante as ordens dos homens – seus pais, irmãos e posteriormente, seus maridos –. Além disso, os jornais e manuais da época contribuíam para que essa mentalidade patriarcal prevalecesse, ao reforçar estes conselhos. Um exemplo é o que diz o excerto abaixo, do jornal *O Cruzeiro* (abril de 1960), citado pela historiadora Mary Del Priore em seu livro *Histórias Íntimas*:

Em uma união feliz, os cônjuges se complementam, porque cada um tem o seu papel naturalmente definido no casamento. E de acordo com esse papel natural chegamos a acreditar que cabe à mulher maior parcela na felicidade do casal; porque a natureza dotou especialmente o espírito feminino de certas qualidades sem as quais nenhuma espécie de sociedade matrimonial poderia sobreviver bem. Qualidades como paciência, espírito de sacrifício e capacidade para sobrepor os interesses da família aos interesses pessoais [...] provando o quão compensador é aceitar o casamento como uma sociedade em que a mulher dá um pouquinho mais. (O CRUZEIRO, abril de 1960 apud DEL PRIORE, 2011, p. 166-167)

Antenor conseguia desmotivar sua esposa como ninguém, fazendo parecer com que suas ideias brilhantes não tivessem nenhum sentido e que seu trabalho não tinha valor algum. É importante considerarmos que ele

a percebe incapaz, fundamentado na *ratio* masculinizante de uma cosmologia que estrutura a forma feminina como imperfeita. Todas essas designações não são produto de um delírio ou posicionamento individual, mas de uma construção antropológica e cultural que concebe as mulheres como seres inacabados e inábeis de lidar com questões da vida pública e política. Lembrando Sherry Ortner, “desde que as mulheres estão associadas com, e verdadeiramente estão mais ou menos confinadas ao contexto doméstico, elas são identificadas com esta ordem inferior da organização cultural e social” (ORTNER, 1979, p. 108 apud TORRES, 2020, p. 57).

Quando criança, Eurídice se apaixonou pela flauta doce. Seu pai contratou um professor particular e ela se dedicava cada vez mais, cogitando ingressar em um conservatório. Porém, seu desejo de seguir carreira como musicista foi completamente

desestimulado por seus pais, que acreditavam que ela não deveria investir seu tempo nisso, mas sim, começar a pensar em formar uma família:

Eurídice tocou na escola durante a visita de Heitor Villa Lobos. O maestro ficou tão impressionado com o talento precoce da menina que a convidou para estudar no conservatório. Com isso, “Eurídice pulou por dentro e por fora, mas os pais disseram que não, talvez não, com certeza não. [...] Para os pais de Eurídice, a flauta jamais seria um fim. A flauta era apenas um meio. Um meio de aumentar as prendas da filha para que fizesse um bom casamento” (BATALHA, 2016, p. 61 apud TORRES, 2020, p. 55).

Ou seja, além de não ter tido apoio e incentivo dos pais para correr atrás de seus sonhos, ao casar, Eurídice não recebe nenhum tipo de apoio de seu marido em seus projetos pessoais. Nem mesmo um “obrigado” como reconhecimento pelas tarefas impecáveis que desempenha.

Virginia Woolf já escrevia, no início do século passado, a respeito deste tipo de relação marido-mulher, utilizando a metáfora dos espelhos:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho real. [...] Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heroica. Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão frequentemente representam para os homens. E serve para explicar quanto se inquietam ante a crítica que elas lhes fazem, como é impossível para a mulher dizer-lhes que esse livro é ruim, esse quadro é fraco, ou seja lá o que for, sem magoar muito mais e despertar muito mais raiva do que um homem formulando a mesma crítica. É que, quando ela começa a falar a verdade, o vulto no espelho encolhe, sua aptidão para a vida diminui. Como pode ele continuar a proferir julgamentos, civilizar nativos, fazer leis, escrever livros, arrumar-se todo e deitar falação nos banquetes, se não puder se ver no café da manhã e ao jantar com pelo menos o dobro do seu tamanho real? (WOOLF, 2019, p. 38)

Se de um lado, temos Eurídice, ensinada desde cedo a curvar-se perante o esposo, do outro temos Antenor, diminuindo e oprimindo Eurídice para se engrandecer, sempre que possível.

Então eu me mato de trabalhar naquele banco pra você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa? Mas Antenor, eu também gosto de trabalhar. O seu trabalho é cuidar da casa e das

crianças. Mas isso eu já faço, Antenor. Ah, é, ah, é? E por que você nunca mais me fez os medalhões de peru? Aqueles com aquela coisa marrom por cima. Porque você disse que arrotava muito depois de comer esses bifês. Não me venha com desculpas, Eurídice. Foi o que você disse, Antenor, você disse que não queria mais aqueles bifês, que de noite não podia comer nada que tivesse cebola, nem se os pedacinhos estivessem escondidos. Eu preciso de uma mulher dedicada ao lar. É sua responsabilidade me dar paz de espírito pra eu sair e trazer o salário pra casa. Você tem ideia de como é complicado trabalhar na área de financiamentos? Não, você nunca fala sobre o seu trabalho. Não falo porque você não ia entender. Não me olhe assim, Antenor, eu sou uma boa esposa. Uma boa esposa não arranja projetos paralelos. Uma boa esposa só tem olhos para o marido e os filhos. Eu tenho que ter tranquilidade para trabalhar, você tem que cuidar das crianças. (BATALHA, 2016, p. 53)

Antenor possuía um trabalho bem remunerado e de prestígio social, porém não era um trabalho fora do comum. Para menosprezar o trabalho da esposa, em sua fala ele atribui ao seu emprego um grau de complexidade muito maior do que ele realmente tem. Sendo uma mulher inteligente e que recebeu uma boa educação formal até pouco tempo antes de se casar, Eurídice não teria dificuldades para entender no que consiste trabalhar com cálculos, e a responsabilidade envolvida quando esses cálculos envolvem o dinheiro alheio. Mas para ele, é de uma complexidade tão grande que nem valeria a pena tentar explicar. Esta situação nos remete à afirmação de Simone de Beauvoir: “Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir superior” (1970, p.18).

Várias das atitudes machistas de Antenor que eram consideradas aceitáveis até algumas décadas atrás, atualmente configuram-se como violências e suscitam diversas discussões. A ridicularização constante que Eurídice sofria sempre que expunha algum projeto pessoal ou demonstrava a Antenor o interesse em realizar algum trabalho paralelo, por exemplo, de acordo com o Artigo 7 da Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), caracterizam-se como violências psicológicas.

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018). (BRASIL, 2006)

Destacam-se dois tipos de violências psicológicas presentes no diálogo citado anteriormente: *mansplaining* e *gaslighting*. Quando o marido diz que “nunca fala sobre seu trabalho porque a esposa não iria entender”, ele está subestimando sua capacidade intelectual. Ainda que ele se recuse a explicar no que consiste seu trabalho no banco, esta atitude pode ser considerada como *mansplaining*.

O termo *mansplaining* é uma junção de *man* (homem) com *explaining* (explicar), na tradução literal seria “homem explicando”, mas, para o Feminismo, a expressão não se restringe a isso. O *mansplaining* configura-se como a ação de um homem explicar a uma mulher algo que é notoriamente óbvio para ela, desmerecendo o seu conhecimento sobre determinado assunto. A popularização do termo é atribuída à escritora estadunidense Rebecca Solnit, que usou a palavra pela primeira vez no livro “Os Homens explicam tudo para mim”. [...] o *mansplaining* tem como objetivo desmoralizar o conhecimento da mulher, considerando as mulheres intelectualmente inferiores aos homens em função dos papéis de gênero préestabelecidos, que afastavam as mulheres do meio científico. (SOLNIT, 2008 apud ESPÍNOLA ET AL, 2019, p. 13-14)

Já o *gaslighting* manifesta-se nos argumentos que o marido utiliza ao proibi-la de trabalhar, manipulando a situação a favor dele. Para que Eurídice sintasse culpada por exercer suas atividades paralelas, o esposo tenta convencê-la de que ao fazer isso, a harmonia doméstica ficaria comprometida e, conseqüentemente, isso afetaria seu trabalho (responsável pelo sustento da casa). Este argumento estava muito longe da verdade, já que Eurídice conseguia conciliar perfeitamente todas as suas tarefas domésticas com as suas atividades paralelas. De homem autoritário que proíbe a esposa de exercer uma atividade profissional aprazível e que lhe traz uma certa autonomia financeira, ao inverter os papéis, rapidamente ele torna-se vítima, “o provedor do lar que se sacrifica pela família e em troca só quer paz”. Dessa forma, o desfecho das discussões do casal costuma ser com Eurídice arrependida e abalada, crente de que estava errada e de que decepcionou seu marido, sem cogitar que o errado possa ser ele.

o *gaslighting* é um termo derivado da palavra inglesa Gaslight (luz produzida pelo candeeiro a gás) e seu significado faz referência ao filme *Gaslight*, de 1944, dirigido por George Cukor e estrelado por Ingrid Bergman. Na trama, o marido da personagem de Bergman, interpretado por Charles Boyer, programa os candeeiros da casa para desligarem-se em determinada hora, não avisando a sua esposa, com o objetivo de tomar sua fortuna sob a alegação de que ela estava ficando louca, vendo coisas que não existem. [...] pode-se deduzir que essa prática é uma espécie de violência psicológica praticada contra a mulher por seu

companheiro, que a faz perder sua confiança e autoestima. [...] Na maioria das vezes, a vítima não tem consciência daquilo que está passando, pois se trata de uma violência sutil, de difícil comprovação. (ALI, 2013 apud ESPÍNOLA ET AL, 2019, p.15-16)

Ainda que a narrativa seja descontraída e bem-humorada em diversas passagens, há várias evidências textuais de que as violências simbólicas sofridas pela personagem Eurídice a abalavam profundamente, gerando frustração, mágoas e levando-a, em algumas ocasiões, a silenciar-se. “Os silenciamentos e a invisibilidade de Eurídice estruturam-se desde a infância e vão se dando em camadas ao longo de sua vida” (MICHAELSEN; RAMOS, 2020, p. 19).

Eurídice não usou suas mãos para proclamar a independência, mas para cobrir o rosto cabisbaixo. [...] No dia da briga do ateliê Antenor falava cada vez mais alto, e Eurídice cada vez mais baixo. Suas respostas se tornavam mais e mais tênues. [...] Havia, é claro, o ruído das pias e do chuveiro pelas manhãs. Da chaleira apitando a água quente para o café, do jornal folheado na mesa da copa. Havia o eco dos passos no hall, que levavam até a escola ou ao trabalho no Banco do Brasil. Mas nenhum destes eram barulhos de Eurídice. (BATALHA, 2016, p. 74)

Segundo Zilá Bernd, “foi esse silêncio, essa ausência que tornou as mulheres e os papéis que desempenhavam invisíveis. Martha Batalha aponta em seu livro as diferentes tentativas de sua heroína de sair da invisibilidade” (2019, p. 255). Se a organização de um livro de receitas e o trabalho com a costura – ambas atividades castradas pelo marido – foram tentativas frustradas de resistência, é a partir da leitura de livros – inicialmente os da estante de sua casa, depois os da biblioteca pública – que Eurídice dá o primeiro passo rumo à sua libertação.

O passo seguinte foi a compra da máquina de escrever, a mudança da casa velha para o novo bairro que estava surgindo à beira-mar: para Ipanema [...] Os *tec, tec, tec* da máquina foram ouvidos com mais insistência do que na antiga casa da Tijuca, embora ninguém se preocupasse com o que teria para escrever uma dona de casa. Embora os jornais não tenham aceitado seus textos nem ninguém na casa manifestasse o mínimo interesse por eles, foi através primeiro da leitura e depois da escritura que Eurídice Gusmão se viu face a face com a invisibilidade que lhe foi imposta pelo marido. [...] A personagem se liberta pela escritura, e a autora constrói um romance com base em uma personagem feminina subjugada que lentamente sai de sua invisibilidade e sobretudo de sua inaudibilidade, sem cair em narrativas piegas [...] Ambas escrevem para se conhecerem através da escritura. (BERND, 2019, p. 255-256)

2.3 CASAMENTO

Eurídice e seu esposo representam o típico casal que divide a casa, a mesa, a cama e ainda assim, são perfeitos estranhos, sem nenhuma conexão física ou mental, o que era perfeitamente comum entre casais do século XX e que não é incomum ocorrer ainda nos dias atuais.

Se Eurídice queria casar? Talvez. Para ela o casamento era algo endêmico, algo que acometia homens e mulheres entre dezoito e vinte e cinco anos. Tipo surto de gripe, só que um pouquinho melhor. O que Eurídice realmente queria era viajar o mundo tocando sua flauta. Queria fazer faculdade de engenharia e manter-se fiel aos números. Queria transformar a quitanda dos pais num armazém de secos e molhados, o armazém de secos e molhados numa empresa distribuidora de grãos, e a empresa num conglomerado. Mas ela não sabia que queria tanto. [...] Eurídice tinha abafado os desejos, deixando na superfície apenas a menina exemplar. Aquela que não levantava a voz ou o comprimento da saia. Aquela que não tinha sonhos que não fossem os sonhos dos pais. [...] Ela estava nesse estado catatônico quando conheceu Antenor. E teria continuado assim para todo o sempre, se a Parte de Eurídice Que Não Queria Que Eurídice Fosse Eurídice, junto com a promessa de boa moça que fez aos pais, junto com a imensa opressão daqueles anos 40, fossem capazes de fazer com que Eurídice deixasse de ser Eurídice. (BATALHA, 2016, p. 82-83)

O único rapaz que despertou o interesse de Eurídice foi José, porém alguns dias após trocarem olhares, ele já estava comprometido com outra moça, deixando Eurídice arrasada.

[...] José olhava Eurídice, flertando. A menina baixou os olhos e se ajeitou na cadeira. Naquele momento Eurídice aprendeu que alguns olhares são diferentes de outros, e que existem olhares capazes de modificar a gente não só por dentro como também por fora, porque agora não havia meios de ela encontrar uma posição confortável na cadeira. Enquanto as batatas eram escolhidas, pagas e embaladas a menina permaneceu incômoda, tomando consciência de seu novo corpo, modificado por um olhar. (BATALHA, 2016, p. 64)

Após essa decepção com José, não há evidências textuais de que ela tenha se atraído – emocional ou fisicamente – por outro rapaz, nem mesmo por seu marido. “Há ainda aqueles que acreditam que Eurídice e Antenor de fato se apaixonaram, e que essa paixão durou os três minutos de uma dança a dois num baile de máscaras do Clube Naval”

(BATALHA, 2016, p. 10).

Era comum as moças casarem apenas para obedecer a vontade de seus pais – e por muitas vezes não verem outro futuro além do casamento, considerando que “só a mulher casada era mulher respeitada” (DEL PRIORE, 2013, p. 11). Quanto aos rapazes, costumavam buscar na esposa uma cuidadora em tempo integral, alguém que cuidasse deles, da casa e da prole. Dos cuidados maternos, passavam aos cuidados da esposa. Amor, paixão e afeto nem sempre eram levados em conta ao escolher a pretendente.

Ele queria abrir mão das firulas da paixão e ir direto para o vamos ver, que era, no caso, um *vamos ver se esta moça é prendada como dizem. Vamos ver se é capaz de se levantar todos os dias na mesma hora, se não vai esperar a cama esfriar para esticar os lençóis, se vai conciliar a feitura do café com a hora em que me sento à mesa*. Ele queria o livre-arbítrio de lambar o chão para provar que estava limpo, a cesta com frutas frescas depois da feira de terça e a segurança que vem com alguém ressonando na mesma cama, todas as noites. (BATALHA, 2016, p.81)

Após casarem, cada um assume um papel no casamento: ele o de provedor do sustento, ela a de dona de casa. De acordo com a historiadora Mary Del Priore, “os casais viviam o dia a dia em mundos diferentes, partilhando poucos interesses em comum fora do âmbito familiar” (2011, p. 161). Analisando os diálogos do casal, evidencia-se que quando não estão em silêncio, as conversas costumam ser sobre o cardápio do jantar, as contas da casa, a escola dos filhos... quase sempre questões práticas, com o intuito apenas de manter a ordem do lar.

Antenor passava o dia fora. Nas passagens em que ele está em casa, geralmente no horário de jantar, não há diálogos nos quais ele compartilhe como foi seu dia no trabalho, o que viu lá fora, quais pessoas encontrou no caminho, etc. Quando diz alguma coisa, trata-se de alguma exigência ou reclamação sobre a comida ou sobre o estado das crianças. Quanto a Eurídice, nunca contava ao marido como foi seu dia e nem perguntava sobre o dia dele. Conversa era sinônimo de perturbação. E assim como costumava ser na casa dos pais de Eurídice, agora sua casa também “não era uma casa de muito diálogo” (BATALHA, 2016, p.62).

Não importa o quanto Eurídice estivesse sentindo-se entediada, isolada, silenciada ou como fosse, em nenhuma passagem do romance sugere-se que ela tenha cogitado a hipótese de pedir a separação. Nem mesmo quando os filhos estavam maiores e um pouco mais independentes e a relação dela com o marido não tinha como ser mais fria. O fato

de Eurídice persistir em manter seu casamento a todo custo, pode ser justificado por alguns fatores.

O primeiro deles é que Eurídice não tinha consciência real das opressões que sofria, por isso aceitava tudo, muitas vezes até sem questionar. E apesar de todas as atitudes – no mínimo questionáveis – de Antenor, ela o considerava um bom marido.

Antenor não sumia na rua em orgias e em casa não levantava a mão. Ganhava bem, reclamava pouco e conversava com as crianças. Ele só não gostava de ser incomodado quando ouvia seu rádio ou quando lia seu jornal, quando dormia até tarde e quando descansava depois do almoço, e desde que seus chinelos permanecessem em paralelo ao pé da cama, que seu café fosse servido quase fervendo, que não houvesse natas no leite, que as crianças não corressem pela casa, que as almofadas permanecessem na diagonal, que as janelas fossem fechadas nunca depois das quatro, que nenhum barulho fosse feito antes das sete, que o rádio nunca estivesse muito alto ou muito baixo, que nunca, de forma alguma, ele tivesse que repetir o mesmo prato em duas refeições, e que os banheiros cheirassem a eucalipto, ele não exigia demais. (BATALHA, 2016, p. 33)

Outro fator relevante é o de que naquela época “ser uma desquitada” equivalia a um palavrão – significava ter falhado na tarefa de constituir e manter a família”. (DEL PRIORE, 2013, p. 43). A respeito das pessoas desquitadas:

Em 1942, foi introduzido no Código Civil o artigo 315, que estabeleceu a separação sem dissolução de vínculo, ou seja, o desquite. Desquitados de ambos os sexos eram vistos como má companhia, mas as mulheres sofriam mais com a situação. [...] As “bem casadas” evitavam qualquer contato com elas. Sua conduta ficava sob a mira do juiz e qualquer passo em falso as fazia perder a guarda dos filhos. (DEL PRIORE, 2011, p. 168-169)

Além de o desquite ser sinônimo de fracasso para com a nova família que ela havia formado, Eurídice tinha o receio e o cuidado de não desapontar seus pais, que sofreram bastante com as desventuras de sua irmã, Guida. Sendo considerada por seu pai como “única filha”, cabia a Eurídice a responsabilidade de dar-lhes orgulho, afim de compensar todas as tristezas causadas pelo sumiço da irmã.

Devemos considerar também que “a maioria das mulheres de classe média dependia do provedor” (DEL PRIORE, 2011, p. 168). Como Eurídice poderia se sustentar sem a renda de seu esposo? Após anos dedicando-se inteiramente ao lar, Eurídice não deu continuidade aos seus estudos e não tinha uma profissão. Caso pedisse o desquite, poderia

vir a passar necessidades financeiras. Ao menos, não conseguiria manter o padrão de vida que ela e seus filhos vinham levando. Além disso, correr atrás do seu próprio sustento cozinhando ou costurando para fora lhe traria uma má fama, conforme vimos anteriormente, o que poderia fazer com que perdesse a guarda das crianças.

Especialmente as mulheres das classes médias e altas que não trabalhavam fora de casa, além de enfrentarem a reprovação social por conta da separação, tinham poucas condições econômicas de manter-se, e aos seus filhos, com dignidade de independência, sem a ajuda de um marido ou dos pais. (SCOTT, 2012, p. 22)

Ou seja, trabalhar fora era algo visto com maus olhos naquela época, chegando a ser associado à prostituição. Mas ser uma mulher separada que não trabalha e não tem como sustentar a si e aos filhos, também era. Portanto, voltar para a casa dos pais levando dois filhos, prejuízo e vergonha, definitivamente não era uma decisão cogitada por Eurídice. Considerando todos estes fatores – que estão interligados –, conseguimos compreender porque a personagem permanece casada até o fim do romance, mesmo tendo um casamento infeliz em diversos aspectos.

2.4 SEXUALIDADE

As primeiras páginas do romance narram o casamento de Eurídice, “uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada” (BATALHA, 2016, p.10). Eurídice não sangrou ao perder sua virgindade e isso fez com que ela pagasse um preço muito alto, considerando que naquela época, acreditava-se que o sangramento era uma comprovação de que a virgindade havia sido perdida.

“Por onde raios você andou?”
 “Eu não andei por canto algum.”
 “Ah, andou, mulher.”
 “Não, não andei.”
 “Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.”
 “Sim, eu sei, minha irmã me explicou.”
 “Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”
 “Não fale assim, Antenor.”
 “Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.” (BATALHA, 2016, p. 10)

Antenor imediatamente presumiu que a esposa não fosse mais virgem, o que para ele – e para a sociedade – era sinônimo de mulher desonrada.

No Brasil, [...] mesmo com a entrada do século XX, [...] condenavam as que se deleitavam no sexo. O hímen continuava a ser o capital precioso das jovens casadoiras e a honra sexual feminina ainda era assunto de família, já que comprometia diretamente os parentes próximos. As mulheres deveriam ser vigiadas e seu sexo protegido dos sedutores, dos estupradores [...]. (PINSKY, 2012, p. 471)

Se Eurídice não fosse virgem, ainda assim, a reação de Antenor teria sido extremamente cruel, visto que ele estaria punindo sua esposa por ter exercido sua sexualidade, enquanto que ele, como homem, sempre pode exercê-la livremente. Porém, há evidências textuais de que a desconfiança e o desapontamento do marido são completamente injustos, o que torna sua reação ainda mais cruel. “Sozinha na cama, [...] Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração”. (BATALHA, 2016, p. 11, grifos da autora).

Essa dor vai acompanhar a protagonista para além do fato narrado, mas, principalmente, por conta das limitações que lhe serão impostas e pelos obstáculos que terá que enfrentar enquanto tenta sair da invisibilidade, esboçando um rascunho de si mesma. Assim, Eurídice passará os dias, “em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam de sua uma vida infeliz” (BATALHA, 2016, p. 12 apud TORRES, 2020, p. 54).

Vale ressaltar que, ao pressupor que a esposa não fosse virgem, imediatamente o marido deduz que ela teve relações sexuais consentidas com outro parceiro, descartando outros fatores que poderiam ter levado ao rompimento do hímen, como estupro, queda, trauma, procedimento cirúrgico, etc. E mesmo com Eurídice alegando não ter se relacionado com ninguém antes dele, Antenor recusa-se a acreditar.

A virgindade, [...] era a condição *sine qua non* para legitimar e comprovar sua honra e boa fama da mulher, possibilitando ao marido, caso descobrisse, que sua esposa não fosse mais ‘pura, virgem’, para a união, poderia este, sobre respaldo do código civil, solicitar a anulação do casamento (MATOS; ABRANTES, 2013, p. 9, grifos da autora).

Com o pensamento de que sua esposa era uma “vagabunda”, há evidências textuais de que Antenor cogitou a hipótese de anular seu casamento, mas não o fez pela sensação

de superioridade que o incidente da lua de mel lhe trouxe, já que seu reflexo no espelho (citando Woolf) seria ainda maior:

Nas semanas seguintes a coisa acalmou, e Antenor achou que não precisava devolver a mulher. Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito. Além do mais, o incidente da noite de núpcias serviu para deixá-lo mais alto, fazendo com que precisasse baixar a cabeça ao se dirigir à esposa. Lá de baixo Eurídice aceitava. (BATALHA, 2016, p.11)

Para ele, mesmo que a suposta relação sexual tivesse ocorrido antes deles se conhecerem e estarem comprometidos, era inconcebível que a esposa tivesse tido algum outro parceiro, podendo tal atitude ser comparada a uma aventura extraconjugal. Quanto a Antenor, não há evidências textuais de que aquela fosse sua primeira relação sexual, e provavelmente não foi, considerando que os homens não sofriam – e não sofrem – a pressão de se manterem virgens até o casamento.

As aventuras extraconjugais das mulheres eram severamente punidas. Como a honra do marido dependia do comportamento da esposa, se ela a manchasse era colocada de lado. Já a infidelidade masculina era explicada pelo comportamento “naturalmente poligâmico” do homem. Em casa, a paz conjugal deveria ser mantida a qualquer preço e as “aventuras” consideradas como passageiras. (DEL PRIORE, 2011, p. 161)

No romance, não há indícios de que Antenor tivesse relações extraconjugais. Porém, caso isso tivesse ocorrido, tudo leva a crer que teria sido tratado com naturalidade e sem punições, em prol da “paz conjugal”. Além disso, há evidências textuais de que a vida sexual do casal não era feliz. Na primeira vez, Eurídice sente muita dor física – além da dor psicológica –, o que sugere que a relação possa ter sido abrupta.

A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas. A noite de núpcias é a tomada de posse da esposa pelo marido, que mede seu desempenho pela rapidez da penetração: é preciso forçar as portas da virgindade como se invade uma cidadela fechada. Daí o fato de tantas noites de núpcias se assemelharem a estupros cujo relato é indizível. (PERROT, 2003, p. 16-17)

No decorrer da narrativa, Eurídice não demonstra interesse em manter relações sexuais com o marido, fazendo-o apenas para “cumprir com seus deveres matrimoniais”.

Em menos de dois anos de casamento e com dois filhos, Eurídice começa a engordar propositalmente, fazendo com que seu marido se sinta menos atraído e perca o interesse sexual por ela.

Responsável pelo aumento de cem por cento do núcleo em menos de dois anos, Eurídice achou que era hora de se aposentar da parte física de seus deveres matrimoniais. Tentou explicar a decisão para Antenor, através de umas indisposições que passou a ter, nas horas soltas das manhãs de sábado e naqueles momentos escuros, depois das nove da noite. Mas Antenor não queria saber de não me toques. Ele era um homem de hábitos e de rotinas, como aquela que envolvia chegar-se à camisola da mulher e afundar o nariz no macio do pescoço branco. Eurídice então se fez ouvir de outras formas. Ganhou um monte de quilos que falavam por si, e gritavam para Antenor se afastar. [...] Ganhou três queixos, essa Eurídice. Parece que seus olhos diminuíram, e seus cabelos não eram suficientes para emoldurar tantas feições. Quando viu que estava no ponto, que era o ponto de fazer o marido nunca mais se aproximar, adotou formas saudáveis de alimentação. (BATALHA, 2016, p. 11-12)

A forma encontrada por Eurídice para se desvencilhar das investidas do marido assemelha-se à história da escritora Roxane Gay, que chegou a pesar 262kg propositalmente, como forma de tornar-se uma mulher “menos estuprável”, após ter sido vítima de estupro coletivo. De acordo com sua autobiografia, *Fome*:

Não sei como as coisas saíram tanto de controle, ou sei. Esse é o meu bordão. Perder o controle do meu corpo foi uma questão de acúmulo. Eu comecei a comer para mudar meu corpo. Fui obstinada. Alguns meninos haviam me destruído e eu quase não sobrevivi. Eu sabia que não conseguiria suportar outra violação daquele tipo, e comia porque achava que se meu corpo se tornasse repulsivo, eu poderia manter os homens à distância. Mesmo sendo tão jovem, eu compreendia que ser gorda era ser indesejável para os homens. (GAY, 2017, p. 14-15)

Considerando o trecho em que Eurídice tenta explicar a seu marido sobre não querer mais fazer sexo, e que ele “não quis saber de não me toques pois era um homem de hábitos e de rotina”, podemos considerar também a possibilidade de Eurídice ter sido vítima de estupro. Porém, diferentemente de Roxane Gay, é possível que Eurídice tenha sofrido estupro marital, que ocorre quando o homem força sua esposa a ter relações sexuais contra a vontade dela. Esse tipo de violência é bastante comum, porém ainda mais difícil de ser comprovada do que o estupro cometido por uma pessoa desconhecida. E pensando no contexto da década de 40, muitas mulheres nem imaginavam que isso fosse um tipo de

violência sexual, pois recebiam pouca informação acerca de sexo e acreditavam que manter relações sexuais com seu marido fosse um dever, ainda que lhes causassem danos físicos e/ou psicológicos. De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), apontados por Raquel Ferreira no *site* da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC):

A violência sexual praticada por parceiro íntimo é uma das formas mais prevalentes de violência contra a mulher. Aproximadamente 1 em cada 3 mulheres no mundo (35%) já sofreu violência física e/ou violência sexual por companheiro íntimo ou violência sexual. Nas Américas, a OMS estima que 30% das mulheres já tenham sofrido violência física e/ou sexual praticada pelo parceiro [...] O estupro marital, estupro praticado pelo parceiro íntimo, ocorre quando a mulher tem relações sexuais forçadas ou outras coerções sexuais praticadas pelo companheiro. (FERREIRA, 2020, p.1)

A falta de informações que as mulheres tinham a respeito de sua própria sexualidade, não se aplica somente ao ato sexual em si, mas também a diversos assuntos do universo feminino, como as transformações corporais causadas pela puberdade. No segmento abaixo, fica evidente que Eurídice não havia sido instruída a respeito da menstruação, e que, se dependesse apenas de sua mãe – que recebeu educação ainda mais conservadora –, ela continuaria menstruando sem entender o que aquilo significava.

E quando Eurídice chegou da escola chorando, dizendo para a mãe que tinha se machucado, talvez ao subir no bonde, foi Guida que tomou a frente das explicações, fornecendo a Eurídice muito mais do que o paninho entregue por d. Ana, “para estancar o sangue”.
 “Olha, Eurídice, isso não é machucado, e a partir de agora vai acontecer uma vez por mês, e quer dizer que você está se tornando mulher.”
 Guida foi além, e contou para Eurídice o motivo do sangramento, e o que acontecia para as mulheres engravidarem. Os olhos de Eurídice se abriram para ver uma parte do mundo da irmã. Era um lugar onde coisas estranhas aconteciam, e que tinha Guida como a mulher mais sábia de todas. (BATALHA, 2016, p. 65-66)

A vida sexual de Eurídice e Antenor servia somente para a satisfação do marido e para fins de procriação, sendo a satisfação feminina desconsiderada, o que retrata o pensamento e o comportamento da época:

A afinidade sexual parece ter sido um fator menos importante no ideal de felicidade conjugal, mesmo porque a mulher não tinha conhecimentos – ou não deveria tê-los – sobre a matéria. A esposa era, antes de tudo, o complemento do marido no cotidiano doméstico. O bom desempenho erótico de uma mulher casada estava longe de contar.

As revistas silenciavam sobre o assunto, apenas uma delas – *Querida* – assinalava que a independência financeira e o maior acesso às informações favoreceriam o interesse feminino pela “satisfação física”. Nas páginas de *O Cruzeiro*, por exemplo, se faziam breves alusões ao “ajustamento sexual da “união feliz”. (DEL PRIORE, 2011, p.168)

Além do incidente na noite de núpcias e de levar uma vida sexual infeliz, volta e meia ocorriam as “Noites de Choro e Uísque”, ocasiões em que o marido se embriagava e voltava a acusar Eurídice de não ter se casado virgem.

A parte [...] que Eurídice não gosta de se lembrar remete à noite tão triste em que decepcionou o marido, por ser incapaz de sujar o lençol. [...] Acontecia a cada dois ou três meses. Antenor chegava em casa, dava um beijo na testa da mulher, ia para o quarto trocar de roupa e voltava para a sala de chinelos. Quando Eurídice e Cecília começavam a colocar o jantar na mesa ele dizia: “Hoje vou comer mais tarde, mulher, que vou tomar meu uísque”. [...] No início das Noites de Choro e Uísque tudo parecia estar bem. Antenor era Antenor, Eurídice era Eurídice e Afonso e Cecília eram duas crianças felizes que brincavam na sala com seus bilboquês. Transmutações aconteciam depois da primeira dose, porque Eurídice – que nas Noites de Choro e Uísque corria para botar logo as crianças na cama – saía da sala como Eurídice e voltava como *A vagabunda que não se manteve pura para o marido na noite de núpcias*. [...] Aquele homem sofria. Aquele homem chorava até o nariz escorrer. Aquele homem sentia uma pena incrível de si. Ele era um trabalhador, ele era um homem sério. Não merecia ter se casado com uma vagabunda. (BATALHA, 2016, p. 33-34)

Nestas ocasiões, não apenas sua virgindade pré-nupcial voltava a ser questionada, como também sua fidelidade no casamento:

Afonso e Cecília deixavam de ser filhos de Antenor para serem filhos sabe-se lá de quem, porque uma mulher que não se manteve pura pode continuar impura, e ele merece isso? [...] A única coisa positiva das Noites de Choro e Uísque é que elas não demoravam para acabar, e acabavam com um Antenor adormecido no sofá, e com Eurídice tirando o copo da mão inerte do marido, dizendo baixinho: “Antenor, quem tirou a virgindade da sua mulher foi este uísque. É este uísque que quando tomado me faz impura”. (BATALHA, 2016, p. 35)

Após estas ocasiões, o que fazia Eurídice se acalmar era pensar nas qualidades de Antenor, chegando à conclusão de que apesar de tudo, ele era um “bom marido”.

2.5 MATERNIDADE

Eurídice teve dois filhos, Cecília e Afonso, ambos nascidos nos dois primeiros anos de casamento. Considerando que em seguida, “Eurídice achou que era hora de se aposentar da parte física de seus deveres matrimoniais” (BATALHA, 2016, p. 11) e tomou providências para que seu marido perdesse o interesse sexual por ela, tudo leva a crer que estas foram suas únicas gestações e, não há evidências textuais de que elas tenham sido desejadas.

Considerando sua falta de educação sexual e a mentalidade predominante de que sexo no matrimônio tinha a finalidade de procriação, é pouco provável que Eurídice fizesse uso de algum método contraceptivo. Quando queriam evitar a gravidez, as mulheres de sua época costumavam utilizar a tabelinha (conhecimento que costumava ser repassado entre mulheres e que ajudou a evitar muitas gravidezes indesejadas), mas não há evidências de que ela soubesse a respeito e/ou que a utilizasse. E, ainda que ela pudesse conhecer e ter acesso à camisinha e ao dispositivo intrauterino (DIU) – já existentes no Brasil nos anos 40, por exemplo –, podemos presumir que seu marido se oporia ao uso, com base na análise de seu comportamento machista durante todo o romance e, levando em conta que as mulheres eram consideradas como meras procriadoras. “A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la” (BEAUVOIR, 1970, p. 25).

Na hipótese de Eurídice fazer uso de métodos contraceptivos, devemos considerar que eles apresentavam porcentagens de falhas muito maiores do que os atuais. Foi somente “a partir dos anos 1960 que as mulheres no Brasil passaram a ter acesso a meios contraceptivos mais eficientes, pois, no [...] ano de 1962, teve início o comércio da pílula anticoncepcional no país” (SCOTT, 2012, p. 23). No entanto, caso Eurídice estivesse determinada a não levar suas gestações adiante, havia a possibilidade de abortar. Porém, as tentativas poderiam causar danos à sua saúde física e/ou mental, além do risco de causar escândalo e leva-la à prisão, já que “em 1940, o novo Código Penal definia prisão de um a três anos para a gestante que abortasse, sem qualquer facilidade. Acrescia, contudo, que, em caso de estupro ou de risco de vida, admitia-se a operação” (DEL PRIORE, 2011, p. 146). Portanto, Eurídice não teria outra opção senão aceitar a condição de mãe.

Apesar de a narrativa não evidenciar se as gestações foram desejadas por Eurídice, sabemos que ao menos a primeira não foi planejada, já que “Cecília veio ao mundo nove meses e dois dias depois das bodas” (BATALHA, 2016, p. 11), sendo fruto de sua primeira

relação sexual, extremamente dolorosa e traumática.

Cecília “era uma bebê risonha e gordinha, recebida com festa pela família, que repetia: *É linda!*” (BATALHA, 2016, p. 11). Já o trecho que narra o nascimento de Afonso, aponta que ele também foi recebido com festa pela família, mas que eles repetiam: *“É homem!”*

Percebe-se, pela recepção familiar, a circunscrição da prática dualista que denota um tributo às estruturas regulatórias que sustentam o ideário de corpo como um produto da cultura e a desigualdade de gênero como naturais: [...] a lindeza se referindo aos corpos femininos, em comparação díspare com a assertiva que determina o pleno poder, inserido na palavra homem. (TORRES, 2020, 55-56)

Se a beleza da filha alegrava a todos, o simples fato de Afonso ser do sexo masculino dispensava a necessidade de qualquer atributo. Essa desigualdade de gênero apontada por Torres (2020) no segmento acima, atrelada à decisão de Eurídice de dar um basta na procriação logo após o nascimento de Afonso, pode ser interpretada como se ela tivesse “cumprido seu dever” ao gerar um filho homem, deixando seu marido satisfeito ao dar-lhe um herdeiro e sucessor direto.

Os filhos de Eurídice foram educados de acordo com papéis de gênero: Afonso seguia os passos do pai e algum dia seria provedor de sua família, enquanto Cecília viria a ser uma dona de casa dedicada como sua mãe, conforme observa Kenia Gusmão Medeiros no segmento abaixo:

Antenor e o filho de Eurídice foram para a sala ouvir a Rádio Nacional, enquanto ela e a filha foram retirar e lavar os pratos. [...] O final da noite na qual as mulheres se dirigem para a cozinha lavar os pratos e os homens para a sala ouvirem a Rádio Nacional, demonstra como as representações tradicionais de gênero interferiam na vida familiar e na criação dos filhos naquele lar. As imposições de gênero que poderiam ser facilmente observadas nos espaços públicos da década de 40, e que apesar das conquistas e do debate atualmente existente, ainda persistem em muitos campos do social, se repetiam também nos ambientes domésticos. Eurídice tenta escapar das definições rígidas e monótonas de seu cotidiano de mãe e esposa, todavia, na mesma noite em que se frustra, de modo naturalizado e inconsciente contribui para o aprisionamento da filha na mesma redoma de possibilidades e atribuições pré-definidas. (MEDEIROS, 2019, p. 63)

É interessante refletirmos que, ao mesmo tempo que Eurídice tem desejos, aspirações e que pensa que a vida não pode se limitar à realização de atividades

domésticas, a criação que dá a sua filha é semelhante à criação conservadora que ela recebeu:

“Tá bom assim, mamãe?”

Em cima de um banquinho e na ponta dos pés, Cecília ajudava a mãe a secar os pratos.

“Está sim, Cecília. Um dia você vai ser uma boa dona de casa.”
(BATALHA, 2016, p. 33)

A narrativa não descreve muitos momentos de interação entre ela e os filhos. Conforme foi mencionado neste trabalho anteriormente, sua casa não era lugar de muita conversa e, quando ocorria, as conversas giravam em torno de questões domésticas, nos dando a sensação de que a invisibilidade de Eurídice não se dava apenas em relação ao marido: os filhos nunca a enxergaram de verdade e isso também a frustrava.

Assim que Eurídice ouvia a porta de casa abrir com os filhos voltando da escola tirava da máquina a folha escrita, para trancá-la com as outras na gaveta da escrivaninha. Ia então para a sala, perguntar aos filhos como tinha sido o dia.

“Foi bom”, Afonso dizia.

“Tirei um oito na prova de matemática. Meu professor disse que se eu continuar assim não vou ter problema para passar no vestibular. Luiza apareceu com as unhas pintadas à francesa. Disse que é um salão na Mariz e Barros que faz. A senhora pode me comprar o novo disco do Dorival Caymmi? Eu quero muito, mamãe”, dizia Cecília. (BATALHA, 2016, p. 164)

Como podemos observar no segmento acima, quem inicia a conversa é Eurídice, que se interessa em saber como foi o dia dos filhos. Porém, esse interesse não é recíproco, já que eles não perguntam como foi o dia da mãe e começam a lhe fazer pedidos. Esse diálogo representa o modo como eles a viam: como alguém que estava ali exclusivamente para servir aos seus interesses.

Todos sabiam sobre a nova rotina de Eurídice, mas ninguém ousava perguntar o que tanto ela escrevia. Foi numa noite de outubro, quando os escritos de Eurídice já estavam bastante avançados, que ela soltou entre uma e outra garfada a informação que satisfizes a curiosidade da família.

“Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade.”

O jantar seguiu em silêncio. Ninguém se importou em saber mais sobre o livro, se por acaso ela queria ver a obra publicada, se era uma história de amor ou de aventura, e quem era ela para começar a escrever assim. Havia a convicção de que Eurídice só podia ser levada a sério quando dizia que o jantar estava na mesa, ou que era hora de acordar para a escola. Seus projetos estavam confinados ao universo daquela casa. Ou quiçá do bairro, se o projeto em questão envolvesse fazer sanduíches de

queijo para as vizinhas nos dias das festas de aniversário.
Eurídice não ligou. O *não ligar* fazia parte da nova fase. (BATALHA, 2016, 165)

Neste trecho, fica evidente que no passado ela sofria com a falta de interesse que sua família tinha por seus assuntos. Porém, ao descobrir-se leitora voraz e, posteriormente, escritora – mudança que ocorre na reta final do livro, quando a personagem está mais madura –, Eurídice inicia uma nova fase. E nesta fase, a compreensão e o aconchego que ela não recebe dos filhos e nem do marido, são encontrados na palavra escrita: nos livros que ela lê e nas páginas que ela escreve.

Era com os livros que Eurídice falava. “Isso aqui me parece genial, não concordo com este argumento, este parágrafo combina com este aqui do outro livro, ó”, ela dizia para as páginas. Sublinhava passagens, escrevia nas margens e às vezes exagerava nos pontos de exclamação. [...] O único que parecia entender um pouco essas manias de Eurídice era Chico. Nos almoços de domingo [...] Chico sumia no escritório com a tia. Ninguém escutava muito a conversa, porque era feita a portas fechadas, e porque não interessava a ninguém.

O que incomodava nessa nova fase de Eurídice era o olhar: ela agora parecia entrar por dentro das pessoas, como se fosse roubar seus segredos. Mas desde que a rotina da casa fosse mantida, desde que Afonso tivesse os cabelos cortados e o uniforme limpo, desde que Cecília mantivesse a saia na altura correta e não risse alto por aí, desde que os chinelos de Antenor e as almofadas do sofá estivessem no lugar correto, Eurídice podia ter o olhar que bem entendesse. (BATALHA, 2016, p. 165-166)

O interesse que ela nunca despertou nos filhos, despertou no sobrinho, único personagem – além de sua irmã, Guida – que conseguia verdadeiramente se conectar com ela.

Com uma filha que se mostrava cada dia mais diferente, um filho que só era dela porque saiu dentre suas pernas e um marido que só se achegava para beijos na testa, Eurídice voltou-se ainda mais para dentro de si, e para dentro do escritório com estantes de livros até o teto, onde passava a maior parte do dia. (BATALHA, 2016, p. 185)

Agora, vamos à outra possibilidade: a de que Eurídice possa, sim, ter desejado ser mãe – e talvez até mesmo planejado sua segunda gravidez –, já que foi criada para ser uma boa dona de casa, mãe e esposa e que, nos anos 40, ser mãe era considerado como o ápice da realização feminina.

[...] com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, a menina tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na

igreja. Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo. (ARAÚJO, 2004, p. 43)

Ainda que o nascimento de seus filhos tenha lhe trazido alegria, há evidências textuais de que Eurídice tinha frustrações em relação à maternidade. Isso não significa que ela não tenha amado seus filhos, mas sim, que a maternidade real pode ser muito diferente do que se costumava idealizar.

Neste sentido, um dos aspectos que vale destacar é o de que a responsabilidade de cuidar e educar as crianças recaía inteiramente sobre ela: seu marido apenas sustentava-os e fazia exigências, cabendo a ela a missão de sempre manter tudo “em ordem”. Se tudo corria bem, ela não recebia nenhum elogio; se algo saía dos trilhos, ela recebia críticas. Desta forma, os filhos foram crescendo não com a mentalidade que ela era, acima de tudo, um ser humano; mas sim, com o pensamento de que ela era apenas “a mãe” e, portanto, deveria viver em prol do bem-estar deles. Sendo assim, suas exigências e queixas nunca eram direcionados ao pai, pois internalizaram que Antenor nunca deveria ser importunado. Quanto a Eurídice, ela não apenas poderia ser importunada, como era “seu dever” estar sempre disponível para atendê-los. E eram atendidos prontamente, pois ela também acreditava que este era seu dever.

A rotina de cuidados com os filhos era monótona. Diariamente as mesmas tarefas eram desempenhadas e elas não eram suficientes para preencher o vazio que Eurídice sentia, sendo necessário recorrer a outras atividades como forma de escape:

E a vida que segue seguiu. Para os filhos, bananas e espaguete. [...] Tentou se dedicar mais aos filhos, mas essa era uma dedicação, digamos, estrábica. Com um olho ela vestia Afonso e Cecília para a escola, e com o outro se perguntava: *Será que a vida é só isso?* Com um olho ela ajudava as crianças com o dever, e com o outro se perguntava: *E quando eles não precisarem mais de mim?* Com um olho contava histórias, e com o outro se perguntava: *Existe vida além dos uniformes escolares, da memorização da tabuada e de todas as histórias da carochinha?*

O que ajudava um pouco, na verdade o que ajudava muito, eram as radionovelas. [...] Coisas aconteciam dentro daquela caixinha marrom, e coisas jamais aconteciam na vida de Eurídice Gusmão. (BATALHA, 2016, p. 36-37)

Apesar do contato diário, havia um abismo entre Eurídice e seus filhos, que aumentava à medida que eles cresciam e tornavam-se menos dependentes dela. Eles costumavam procurá-la somente por interesses pessoais (para pedir ajuda com alguma

tarefa escolar, serem alimentados, etc). Quando estão mais crescidos e não precisam mais da mãe – não como antes –, Eurídice passa a ocupar seu tempo com os livros. Ela passa a maior parte do dia dentro de seu escritório – ou na biblioteca pública –, e isso só é possível pois, dedicando menos tempo aos filhos, ela passa a ter mais tempo para dedicar-se aos seus próprios interesses. Os filhos continuam desinteressados em conhecê-la, mas ela já está madura o suficiente para não deixar que isso a afete.

Consideramos então que, se a maternidade poderia ter sido o refúgio de Eurídice contra as mazelas de seu casamento – como é para muitas mulheres, até mesmo nos dias atuais –, este não foi o caso, já que seus filhos eram como seu esposo: não a enxergavam e não eram recíprocos, o que contribuía para que ela se sentisse tão solitária e com um enorme vazio existencial.

3 A CONDIÇÃO DAS MULHERES NA SOCIEDADE BRASILEIRA: DOS ANOS 40 AOS DIAS ATUAIS

No capítulo anterior, analisamos o perfil da personagem Eurídice, a partir dos eixos trabalho, casamento, sexualidade e maternidade, evidenciando as semelhanças entre a sua condição e a das mulheres brancas e de classe média da sociedade brasileira dos anos 40. De lá para cá, passaram-se oito décadas, alguns aspectos sociais e comportamentais evoluíram bastante, outros nem tanto.

De acordo com Marina Maluf e Maria Lúcia Mott,

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século [XX] foi [...] traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. (MALUF; MOTT, 1998, p. 373)

Nesta divisão de papéis, o horizonte feminino restringia-se ao “recôndito do lar” (MALUF; MOTT, 1998, p. 373), na qual a mulher devia dedicar-se inteiramente aos cuidados da casa, do marido e dos filhos.

Esses valores, contudo, não adquiriram a mesma importância na vida de todos os brasileiros e suas famílias. Nem todos quiseram ou puderam adaptar-se aos modos burgueses. Em uma sociedade profundamente diversa e desigual, hierarquizada a partir de elementos socioeconômicos e étnicos (com base, sobretudo, na “cor da pele” – herança do escravismo, não é de espantar que, ao se comparar famílias de áreas mais urbanizadas com as de áreas predominantemente rurais, as compostas por negros, brancos ou mestiços, as imigrantes e as locais, as ricas e as pobres, houvesse grandes diferenças. Entretanto, embora não tenha sido abraçado (pelo menos com a mesma intensidade) por toda a população, o ideal de família que as novas classes dominantes, com seus modos burgueses, estimulavam tornou-se o novo parâmetro. (SCOTT, 2012, p. 17-18)

A respeito do núcleo familiar da personagem Eurídice,

A vida doméstica da família segue uma organização rígida definida muito em função das imposições de gênero. A casa é território de Eurídice e Antenor, e nela o marido possui duas representações distintas: a de chefe e provedor da família e a de habitante pouco familiarizado com os espaços domésticos e que deve ser obedecido e agradado por todos os membros da família. Essa organização bastante

comum nas famílias da primeira metade do século XX não desapareceu e ainda possui resquícios nos dias de hoje que variam em função da cultura local, entretanto, ela foi bastante abalada com o aumento da escolarização das mulheres, de sua participação do mercado de trabalho e também de transformações na sexualidade e nos modelos de constituição da família nuclear. (MEDEIROS, 2019, p. 61)

Essas transformações – mencionadas no segmento acima – contribuíram para que as mulheres expandissem seus horizontes para além da esfera doméstica e que começassem a viver mais para si, algo que não acontecia anteriormente. O que Eurídice levou décadas – e quase o livro inteiro – para descobrir, hoje as mulheres descobrem cada vez mais cedo:

Felizmente as coisas estão mudando muito nas gerações mais novas, mas até bem pouco tempo, uma ou duas décadas atrás, o maior problema da mulher ocidental consistia em não saber viver para o seu próprio desejo: vivia sempre para o desejo dos outros, dos pais, namorados, maridos, filhos, como se suas aspirações pessoais fossem secundárias, improcedentes e defeituosas (MONTERO, 2019, p. 47)

Ainda assim, nos dias atuais, ainda é comum lares com a configuração de núcleo familiar semelhante ao de Eurídice, na qual a mulher abre mão dos estudos e de uma carreira profissional para se dedicar inteiramente ao lar e à criação dos filhos. Algumas por opção, outras por necessidade.

A mulher contemporânea oscila entre o cuidado do lar e a profissão, sendo ainda milhões de mulheres prisioneiras do lar, já que não conseguem resolver um grande dilema: conciliar o cuidado dos filhos, as tarefas domésticas, com a profissão. Como são responsáveis pelo funcionamento do lar, algumas vezes as opções são poucas ou ineficientes para ajudá-las a lidar com as questões lar e profissão. Whitaker [...] diz ainda que, existem mulheres que por razões variadas não conseguem sequer buscar ou obter trabalho fora de casa: algo que nem sempre é a dominação do marido, impede-as de abandonar o lar. (WHITAKER, 1998, p. 13 apud QUERINO; DOMINGUES; LUZ, 2013, p. 5)

Se antigamente o que impedia muitas mulheres de trabalhar eram seus maridos e os preconceitos que iriam enfrentar, no século XXI, há mulheres que querem exercer uma profissão e são apoiadas por seus parceiros, mas encontram outros tipos de obstáculos, como a falta de vagas nas creches públicas, falta de condições financeiras para contratar uma babá, dificuldade em conciliar os horários do trabalho com os horários de levar e buscar as crianças na escola, entre outros. E diante destes empecilhos, nos casamentos

heteronormativos acaba sendo a mulher a que mais sacrifica sua carreira profissional em prol dos cuidados com os filhos, segundo apontam os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

No Brasil, em 2019, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas). Embora na Região Sudeste as mulheres dedicassem mais horas a estas atividades (22,1 horas), a maior desigualdade se encontrava na Região Nordeste. O recorte por cor ou raça indica que as mulheres pretas ou pardas estavam mais envolvidas com os cuidados de pessoas e os afazeres domésticos, com o registro de 22,0 horas semanais em 2019, ante 20,7 horas para mulheres brancas. Para os homens, contudo, o indicador pouco varia quando se considera a cor ou raça ou região. (IBGE, 2021, p. 3)

Quanto a inserção e ao aumento significativo do número de mulheres no mercado de trabalho, podemos considerar como uma evolução, impulsionada principalmente pelas transformações que ocorreram no país a partir dos anos 70:

O Brasil passa por várias transformações econômica, social e demográfica, que refletem diretamente sobre a força de trabalho. Com a industrialização consolidada, moderniza seus meios produtivos e se torna cada vez mais urbano. Profundas transformações, fortalecidas pelos movimentos feministas também ocorreram nesse mesmo período, nos padrões de comportamento, e no papel da mulher na sociedade, fazendo com que mais mulheres atuassem na vida pública, e facilitando a entrada da mulher no mercado de trabalho. A redução do número de filhos por mulher, nos lugares mais desenvolvidos do país, a evolução do nível de escolaridade e o ingresso de mais mulheres a universidade contribuíram para essa evolução. (QUERINO; DOMINGUES; LUZ, 2013, p. 7)

Com base nestes dois segmentos acima, pode-se considerar então que, por mais que as mulheres tenham expandido seus horizontes e atuem de forma mais ativa no mercado de trabalho, elas ainda continuam dedicando mais tempo ao lar do que os homens. E se tratando do reconhecimento e da valorização no trabalho, ainda no século XXI há desigualdade salarial entre homens e mulheres, principalmente em cargos de maior remuneração, conforme apontam as estatísticas do IBGE:

Em 2019, as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. A Desigualdade de rendimentos do trabalho (CMIG 13) era maior entre as pessoas inseridas nos grupos ocupacionais que auferem maiores rendimentos, como Diretores e gerentes e Profissionais das ciências e intelectuais, grupos nos quais as mulheres receberam, respectivamente, 61,9% e 63,6% do rendimento

dos homens. (IBGE, 2021, p. 4)

Vale destacar também a condição das mulheres que exercem dupla ou até mesmo tripla jornada, conciliando sua profissão com as tarefas domésticas e o cuidado com as crianças. Porém, ser mãe e dona de casa são decisões que atualmente podemos considerar como escolhas individuais – na medida do possível – e não imposições de gênero, visto que no início do século XX a sociedade esperava que, antes de qualquer coisa, a mulher fosse esposa e mãe.

[...] esperava-se que as mulheres, antes de se dedicar ao trabalho remunerado, fossem boas donas de casa: “A mulher que estuda parece abdicar dos deveres domésticos [...] toma uma posição falsa de desconfiança para a sociedade, que geralmente a julga inapta para exercer o elevado sacerdócio do lar. É este, pelo menos, o conceito de que a grande maioria do nosso povo faz da mulher que ultrapassa as limitadas raias de ação concedidas ao seu sexo, no vasto campo da atividade intelectual. Ser BOA DONA DE CASA, no entanto, deve ser uma qualidade intrínseca da ‘alma feminina’, não importando se de uma doutora ou de uma engomadeira[...].” (MALUF; MOTT, 1998, p. 403)

Complementando este segmento,

Se antes o “destino feminino” era a procriação, fazendo com que elas tivessem gravidezes sucessivas que as mantinham constantemente atreladas ao cuidado dos filhos, a possibilidade de controlar a concepção e a melhoria das condições de saúde da mãe e da criança permitiram que a maternidade passasse a ser planejada. Assim, a possibilidade de ter ou não filhos atrelou-se em maior grau aos desejos da mulher e/ou do casal. Também implicou no fato de que a sexualidade feminina se desvinculasse da maternidade (inevitável ou obrigatória). (SCOTT, 2012, p. 27)

Hoje as mulheres podem exercer sua sexualidade de forma mais livre e com apenas o intuito de sentir e dar prazer. No entanto, as mulheres ainda sofrem pressão social para tornarem-se mães.

Conforme apontam Rios e Gomes (2009), ao não optar pela maternidade, a mulher passa a ser encarada pela sociedade com abjeção, pois compreende-se sua decisão como expressão de uma anormalidade, uma vez que não responde às expectativas sociais em relação ao papel social da mulher. Assim, as mulheres que abdicam da maternidade são vistas como egoístas, estranhas, doentes. Pessoas que não querem cumprir um "papel divino" que lhes foi dado. (RIOS; GOMES, 2009, p. 215-225 apud CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019, p. 71)

Em relação ao controle de concepção, ressaltamos que ele se dá “na medida do possível” devido a alguns fatores. Mesmo se as mulheres optarem por não ter filhos, há a possibilidade de ocorrer uma gravidez indesejada. Hoje temos maior acesso à informação, à educação sexual e aos meios contraceptivos – que se expandiram significativamente nas últimas décadas e são mais eficientes do que os contraceptivos que haviam no Brasil nos anos 40 –, mas estes ainda não alcançam as mulheres de todas as classes sociais, em todos os cantos do país. Sendo assim, as mulheres com melhor condição financeira e acesso aos meios de informação, têm mais conhecimento e controle sobre seus corpos do que as mulheres das camadas sociais mais pobres.

Quanto as mulheres que têm acesso a métodos contraceptivos e fazem seu uso de forma correta, sabemos que “não existe método 100% eficaz, todos têm uma probabilidade de falha” (LUPIÃO; OKAZAKI, 2011, p.137). E com estas falhas, a mulher que engravida de forma não planejada e deseja interromper a gestação, ou se vê obrigada a gerar, ou recorre às tentativas clandestinas de aborto, correndo toda a sorte de riscos, inclusive o risco de perder a própria vida. De acordo com a historiadora May Del Priore, as mulheres do início do século XX já encontravam diferentes formas de abortar, e nos dias atuais, o aborto clandestino continua tão presente quanto era antigamente (DEL PRIORE, 2011)

[...] as leis que optam por criminalizar a prática abortiva escondem, na verdade, um posicionamento ideológico sexista, legitimado por um direito patriarcal, que tolhe o exercício da livre sexualidade da mulher, condicionando-a tão somente para fins reprodutivos e criminalizando socialmente e penalmente as mulheres que escolhem pela sua autonomia. (GALDINO; ROCHA; 2015, p. 419)

No século XXI, há mulheres que não desejam ser mães. Mas também, há as que desejam. Ainda que a maternidade seja vista de forma muito mais realista, muitas mulheres continuam encarando-a como algo bastante satisfatório, motivo de realização pessoal. A principal diferença é que, se antes as mulheres precisavam estar em um casamento heteronormativo para terem filhos – caso contrário sofreriam toda a sorte de preconceitos –, a maternidade sofreu mudanças com o passar das décadas, acompanhando a diversidade familiar: temos mães solo (que contam ou não com rede de apoio formada por familiares e/ou amigos), mulheres que se relacionam com outras mulheres e ambas assumem a maternidade de filhos gerados biologicamente ou adotados, mulheres que recorrem à inseminação artificial (sem precisar se relacionar sexualmente com um

homem para engravidar), mães que se divorciam e têm a guarda dos filhos compartilhada com os pais e assim por diante. São inúmeras possibilidades

Porém, mesmo que as configurações mudem, as mães que fogem ao modelo tradicional ainda sofrem bastante preconceito e enfrentam muitas dificuldades, como é o caso das mães solo. Nem sempre podendo contar com pessoas que ajudem na criação dos filhos, estas mulheres muitas vezes sofrem com a falta de apoio do Estado, com o olhar preconceituoso da sociedade e, quando estes filhos são fruto de um ex-relacionamento heteronormativo, podem vir a sofrer também com a negligência dos pais de seus filhos, que deixam a maior parte das tarefas relacionadas à criação e à educação nos ombros das mães (geralmente pagam uma pensão e visitam a criança de vez em quando e, em alguns casos, nem isso).

Em contrapartida, há mulheres que, mesmo solteiras, optam por ter filhos e são muito felizes com essa escolha. O importante é que cada mulher seja livre para decidir se quer – como e quando – ser mãe, sem que isso lhes seja imposto como uma obrigação. E não havendo imposição, as mulheres cada vez mais repensam a respeito da maternidade e a quantidade de filhos por mulher vem diminuindo no decorrer das décadas (QUERINO; DOMINGUES; LUZ, 2013, p. 7).

Considera-se também que o papel dos homens – como provedores – tenha sofrido mudanças significativas, como aponta o segmento abaixo:

[...] o papel do marido provedor, que legitimou a dependência econômica da mulher, acabou também por tornar a esposa a única responsável pelos serviços domésticos. Assim, para que as considerassem boas donas de casa, além de manter permanente bom humor, de realizar as tarefas sempre em benefício de toda a família, deixando para segundo plano tudo o que as afastasse da “administração científica” do lar, de ser econômicas, as mulheres jamais deveriam pedir a participação do marido no serviço doméstico. (MALUF; MOTT, 1998, p. 419)

Nos casamentos heteronormativos, o pensamento de que as mulheres jamais deveriam pedir a participação dos maridos no serviço doméstico vem sendo desconstruído aos poucos, sendo bastante discutido atualmente. Porém, o estereótipo de que algumas tarefas são femininas e outras são masculinas insiste em permanecer. Segundo entrevista divulgada no *site* da Revista Claudia em 2020, “lavar a roupa, limpar a casa e preparar as refeições aparecem como as responsabilidades das parceiras. Já manter o carro em boas condições e fazer trabalhos de jardinagem são tarefas consideradas dos homens”. De

acordo com a mesma matéria:

Segundo os pesquisadores, há uma mudança comportamental em relação aos homens mais jovens que estão mais abertos às mulheres também serem provedoras financeiras. Entretanto, quando as esposas ganham mais do que eles, a relutância para fazer as tarefas domésticas é ainda maior.

Se não é pelo amor, vai pela dor. Esse ditado explica um ponto que pode mudar esse cenário de pé atrás com a divisão das funções do lar: a instabilidade econômica. A dificuldade de inserção e manutenção no mercado de trabalho, tanto para homens como para mulheres, pode fazer com que os maridos, por meio da necessidade, tenham uma outra percepção sobre a equiparidade de gênero. (CLAUDIA, fevereiro de 2020)

Ainda que as mudanças no papel que o homem desempenha no lar tenham ocorrido mais por necessidade econômica, elas contribuíram para que as mulheres tenham se tornado mais independentes, conforme aponta Ana Silvia Scott:

Apesar de persistentes diferenças sociais entre homens e mulheres, hoje estamos diante de famílias que tendem a compor uma relação mais igualitária entre os parceiros, na medida em que, por exemplo, ambos contribuem financeiramente para a manutenção da unidade doméstica e de seus membros. Tal mudança conferiu maior “poder” para as mulheres dentro das famílias, rompendo o antigo ciclo da dependência e da subordinação. (SCOTT, 2012, p.25)

Atualmente, existem lares nos quais a mulher sai para trabalhar, enquanto o homem fica em casa, responsabilizando-se pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos, algo que era totalmente inconcebível nos anos 40. Além disso, há os lares nos quais homens e mulheres exercem algum tipo de atividade profissional remunerada e dividem as despesas. Mas como abordamos anteriormente, ainda que ambos trabalhem fora, a maior parte do trabalho doméstico continua sendo realizado pelas mulheres.

Em relação às insatisfações relacionadas ao casamento, antigamente

Todo e qualquer desvio de comportamento poderia gerar críticas, desqualificação e, até mesmo, marginalização social. Não era fácil, por exemplo, a vida das mulheres que optavam por um comportamento “não conformista”, como aquelas que, depois de casadas, reconheciam publicamente a escolha equivocada, a falência do seu matrimônio e optavam pela separação. Num tempo em que o desquite era coisa recente – foi instituído no Código Civil em 1942 (artigo 315), estabelecendo a separação sem vínculo matrimonial –, não bastava o reconhecimento legal para que a nova situação fosse socialmente bem-

aceita. Aqueles que tinham a coragem de escolher essa via eram frequentemente vistos como párias (sobretudo as mulheres), indivíduos que haviam falhado na importante tarefa de constituir e manter uma família. (SCOTT, 2012, p. 21)

Atualmente, há diferentes tipos de regimes de casamento civil. Ou seja, além de as mulheres poderem decidir se querem ou não casar, com quem e quando, há a possibilidade de escolher as regras que regularão o casamento. Sendo assim, muitas mulheres têm a precaução de optar por um regime que não as prejudique financeiramente em caso de divórcio, algo que costuma ser tratado com muito mais naturalidade do que era nos anos 40. Além disso, há casais que optam por evitar burocracias e apenas passam a morar juntos, algo bastante comum no século XXI. O preconceito em relação às pessoas separadas ou divorciadas diminuiu bastante, visto que o casamento não é mais algo tão idealizado como era antigamente. Segundo pesquisa do IBGE, divulgada pelo *site* do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM),

[...] os brasileiros estão se casando menos e, quando casados, ficando unidos civilmente por menos tempo. [...] A visão discriminatória das pessoas divorciadas vem se tornando cada vez mais insignificante. As pessoas não ficam mais presas a um casamento já falido por muitos anos como acontecia no passado (IBDFAM, 2020)

Podemos considerar também que o aumento do acesso a informação, nível de escolarização e da independência financeira feminina contribuem para que as mulheres permaneçam menos tempo em relacionamentos infelizes, pois outras formas de realização são consideradas, como a priorização dos estudos e de uma carreira profissional.

Um avanço importante foi o aumento significativo no número de mulheres que ingressaram na política nas últimas décadas, porém ainda temos muito mais homens criando, aprovando e executando as leis, e estas raramente beneficiam as mulheres. A respeito das eleições de 2020,

De acordo com os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o aumento do número de vereadoras eleitas foi de 19,2%. Neste ano, 16,1% dos candidatos escolhidos pelo eleitorado foram mulheres. Já em 2016, o índice foi de 13,5 %. [...] A quantidade de candidaturas femininas para esse cargo também foi bem maior em 2020. Houve um aumento relativo de 7,1% no número de mulheres que almejavam se tornar vereadoras em relação à última eleição. No processo eleitoral de 2016, elas representaram 32,5% do total e, agora, 34,8%. Já na eleição para prefeitas, a quantidade de mulheres eleitas foi 4,4% maior do que a registrada no pleito anterior. Em 2016, 11,5% das cadeiras foram

ocupadas por mulheres e neste ano, 12%. (GOVERNO, 2021).

Em relação às violências e opressões sofridas por Eurídice no casamento, estas infelizmente não desapareceram com o passar das décadas. A diferença é que hoje, essas questões são muito mais discutidas nos meios acadêmicos e na internet, portanto as mulheres que possuem acesso a estes meios estão mais conscientes sobre o tema, podendo reconhecê-las e denunciá-las. Há leis exclusivas de proteção à mulher – como a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) –, que são de tempos em tempos revisadas e atualizadas, de forma a melhor atenderem as necessidades das vítimas. Porém, sabemos que estas leis – excelentes na teoria – nem sempre são aplicadas corretamente. Ou, ainda que sejam, nem sempre são suficientes para resguardar a integridade das mulheres, visto que de acordo com dados estatísticos da Organização das Nações Unidas (ONU), a taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo.

O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante. (BRASIL, 2013, p. 1003)

Dentre a sorte de violências que as mulheres estão sujeitas a sofrer em seus relacionamentos, as mais comuns são as violências psicológicas e simbólicas, como as sofridas por Eurídice.

É comum pensar a violência contra a mulher apenas como a agressão física e sexual, expressões extremas da violação dos direitos humanos, esquecendo-se muitas vezes do sofrimento também causado pela violência psicológica e simbólica, tão enraizadas na estrutura social que, quase sempre, é difícil de ser reconhecida até mesmo pelas próprias vítimas. Talvez este seja o principal aspecto do romance de Martha Batalha: mostrar, por meio de uma história de enredo simples e narrada com leveza, as inúmeras violências simbólicas que as mulheres sofrem cotidianamente desde a infância. (DUTRA, 2018, p. 168)

Além disso, muitas mulheres não conseguem sair de seus relacionamentos abusivos por estarem fisicamente e psicologicamente fragilizadas, entre outros fatores já mencionados anteriormente.

Em relação à diversidade sexual, no romance, não há evidências textuais de que algum personagem seja LGBTQ+, nem mesmo de que Eurídice tenha cogitado em algum momento a hipótese de se envolver sexualmente e/ou afetivamente com alguma mulher. Todos os relacionamentos amorosos e/ou sexuais narrados são heteronormativos, mas isso não significa que há 80 anos não haviam relacionamentos homoafetivos.

E os homens que amavam homens e as mulheres que amavam mulheres? Discretos e não perseguidos quando vítimas de toda a sorte de preconceitos, esses grupos tiveram que viver seu amor nas sombras, pelo menos até os anos 60. Não faltaram indicações de tratamentos médico-pedagógicos que, junto com a religião, eram tidos como remédios para a “inversão sexual” [...] Apesar do sofrimento e da incompreensão a que eram submetidos, homossexuais buscaram espaço para seus relacionamentos e, na medida do possível, para viver seus amores. (DEL PRIORE, 2011, p. 169)

De lá para cá, a diversidade sexual foi ganhando cada vez mais espaço, principalmente a partir dos anos 70, período em que algumas tradições foram repensadas:

A cultura vigente nas décadas de 70 e 80 proporcionou um pensamento moderno em relação à tradição, aos hábitos e padrões que, até então, eram “fixos”. O indivíduo passou a ser confrontado com novas escolhas e possibilidades de identificação, que são importantes para o estabelecimento do eu. A modernidade confronta o indivíduo, trazendo a possibilidade de modificar os hábitos prévios, mas, ao mesmo tempo, não oferece muito suporte em relação às novas escolhas (FONSECA; RIBEIRO, 2020, p. 4-5 apud GIDDENS, 2002)

O suporte para essas novas escolhas é algo a ser debatido e construído ainda nos dias atuais, em todas as esferas sociais. Embora as mulheres – e os homens – hoje em dia possam escolher relacionarem-se com quem bem entenderem ou até mesmo não se relacionarem com ninguém, essa conquista é fruto de muitas lutas no decorrer das décadas.

O início da história do movimento LGBTQ trouxe consigo a luta por visibilidade, respeito e busca por direitos. Sendo amplo, repleto de subjetividades e particularidades, cada sigla possui demandas específicas a partir de seus recortes de existência. No caso de lésbicas e mulheres bissexuais, foi necessário estabelecer o recorte de gênero, já que, dentro do próprio movimento, havia comportamentos machistas, levando à diminuição das mulheres, ao tratamento pejorativo e à ridicularização do que envolve o “feminino” ou às concepções sociais de “ser mulher” [...] O ato de instituir um espaço social e político focado nas vivências das lésbicas e mulheres bissexuais foi extremamente

importante para dar visibilidade às suas experiências particulares. Além disso, chamou a atenção para as consequências do machismo e pôde trazer crítica e possibilidade de mudança. [...] A classificação da categoria “lésbica” e “mulher bissexual” garantiu a existência da própria identidade, já que, como visto, o indivíduo projeta a si mesmo em uma esfera social e em uma esfera particular, traçando sua identidade e reconhecimento de si no mundo. (FONSECA; RIBEIRO, 2020, p. 8)

Além da diversidade sexual, que atualmente vai além da hétero, homo e da bissexualidade, atualmente discute-se bastante a pluralidade nas identidades de gênero, indo além do binarismo masculino/feminino.

Quanto a virgindade, questão que gerou tanto sofrimento para Eurídice,

Como observa Yvonne Knibiehler em *História da virgindade*, a virgindade continua a ter um importante papel simbólico na maioria das culturas, pois “é uma dimensão da relação entre os sexos, um componente do tecido social” que ainda hoje prevalece como marca de valorização das mulheres. (KNIBIEHLER, 2016, p.10 apud DUTRA, 2018, p.168)

Porém, no Brasil, a virgindade vem sendo cada vez menos valorizada e os jovens brasileiros iniciam a vida sexual cada vez mais cedo. De acordo com uma pesquisa divulgada no *site Vírgula*,

Os brasileiros são os segundos do mundo a perderem a virgindade mais cedo, atrás apenas da Austrália, onde a média de idade é de 17,3 anos. Aqui, a faixa etária da primeira relação sexual é de 17,4 anos. Esses dados são de uma pesquisa chamada *The Face of Global Sex 2007 – First sex: an opportunity of a life time* (primeira relação sexual: uma oportunidade para toda a vida). [...] Apesar do uso da camisinha ter aumentado, a idade da primeira relação diminuiu. Os jovens de até 24 anos perderam a virgindade com uma média de 16,6 anos. Já as pessoas de 30 a 34, tiveram a primeira relação por volta dos 18. (VÍRGULA, 2007)

De acordo com pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP), apesar de iniciarem a vida sexual mais cedo, as mulheres estão se casando mais tarde. Já nos anos 40, casar cedo e perder a virgindade somente na lua de mel era um ideal a ser alcançado pelas “moças de respeito”.

Hoje em dia, a maior atividade sexual feminina protela o casamento para a média dos 28 anos. “Nas últimas quatro décadas, a relação sexual desvincula-se do relacionamento amoroso estável e do matrimônio”, explica a pesquisadora. Para ela, o clima quente de São Paulo e do país

colaboram para essa precocidade da perda da virgindade. “No Brasil, predomina a facilidade de contatos físicos, toques, beijos, diferentemente de outros países”. [...] A vida menos controlada nas metrópoles, onde os jovens ganham autonomia, liberdade e facilidade de relacionamentos são fatores que também favorecem a antecipação sexual. (GOVERNO, 2007)

É interessante pensarmos como estes eixos – trabalho, casamento, sexualidade e maternidade – estão interligados, pois conforme a sexualidade passa a ser exercida de forma mais livre e mais diversa (lembrando que oito décadas atrás o ideal era casar-se virgem e relacionar-se apenas com seu esposo), paralelamente a instituição do casamento se altera, hoje em dia sendo muito mais flexível (o divórcio e o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo eram inconcebíveis nos anos 40, por exemplo). E à medida que as composições dos lares foram se diversificando, as relações das mulheres com o trabalho também mudaram.

Não podemos dizer que as mulheres não sofram mais preconceitos relacionados ao seu gênero, pois apesar da evolução significativa ocorrida nas últimas oito décadas, ainda temos muito a conquistar. Ao olhar para o passado, evidencia-se que as mulheres estão cada vez mais empoderadas, quebrando barreiras e assumindo o controle de suas vidas. No entanto, a ameaça de perderem seus direitos – conquistados com muita luta – continua sendo real. “Os retrocessos políticos e a emergência de um conservadorismo, que traz à tona discursos de moralismos essencialistas, os quais, por um tempo, imaginamos ultrapassados, nos obrigam a repensar modos de ser, de sobreviver e de nos proteger” (TORRES, 2020, p. 59). Sendo assim, é necessário que estejamos sempre vigilantes (BEAUVOIR, 1970).

4 CONHECENDO A SOCIEDADE ATRAVÉS DA LITERATURA

De acordo com Mateus Robaski Timm,

A condição proteica da literatura permite que seja possível tanto escrever ficcionalmente sobre uma personalidade de renome da cultura brasileira, quanto sobre alguém que compõe a massa de anônimos. O que une ambos os casos é o pertencimento à história nacional. (TIMM, 2018, p. 67)

No prefácio de *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, a autora escreve que as protagonistas foram baseadas na vida das avós dela e das nossas (BATALHA, 2016, p.8).

Trata-se da

[...] vida invisível de diversas mulheres da década de 1940, 1950, 1960 e também de muitas na contemporaneidade. Ao ser questionada sobre a identificação com o romance, a autora responde que as personagens foram inspiradas em mulheres que cruzaram a sua vida (desde a infância) e que a repercussão do livro mostrou que muitas outras se reconheceram na história (BATALHA, 2020 apud MICHAELSEN; RAMOS, 2020).

São mulheres comuns, que representam outras tantas. Segundo Mateus Robaski Timm,

A vida invisível de Eurídice Gusmão, apresenta como personagem central uma “pessoa comum”, levando a sua “vida invisível”, como alude o título do romance, que seria desprezada pelo discurso historiográfico se não houvesse ocorrido uma revitalização do seu objeto de estudo pela *École des Annales*. O reconhecimento do valor epistemológico dos acontecimentos cotidianos pela história das mentalidades faz com que o romance de Martha Batalha possa ser compreendido também como um relato histórico.

A acoplagem ao estudo da história de outras ciências, como a sociologia das ideologias, a antropologia, a psicanálise e a semântica estrutural possibilitou o surgimento da história das mentalidades. Esta vertente da historiografia privilegia os modos de pensar e agir coletivos, ajustando-se a necessidade de explicar os elementos que mais profundamente persistem dentro de uma determinada sociedade. (TIMM, 2018, p. 67)

A narração destes “modos de pensar e agir coletivos” (TIMM, 2018, p.67) torna possível nos colocarmos no lugar de Eurídice e compreendermos sua trajetória, considerando o contexto social e histórico em que a personagem está inserida. Mesmo os

leitores que não têm nenhum conhecimento prévio acerca de como foi a década de 40 no Rio de Janeiro, conseguem facilmente se situar neste capítulo da história brasileira, através da riqueza de detalhes da narrativa. Isso torna a obra ainda mais acessível, podendo ser lida por leitores de diferentes gêneros, idades e de qualquer parte do mundo.

[...] a história das mentalidades passa necessariamente pela elaboração de um sistema plausível compreendendo representações de imagens, mitos, ideias, práticas estáveis de uma dada sociedade. O historiador delimita a sistematização que pretende configurar, privilegiando os aspectos do cotidiano que garantam força para a sua proposta de trabalho. Como a história das mentalidades tem por objeto o homem cotidiano, as mais variadas marcas do passado podem ser estabilizadas em sistema. (TIMM, 2018, p.63)

Sendo assim, os aspectos do cotidiano de Eurídice que são privilegiados não estão na narrativa ao acaso: eles têm a função de tornar as personagens mais realistas.

Naquela época, comprava-se peru nos aviários e não como hoje congelado no supermercado; o programa culinário era atração do rádio, já hoje é transmitido na televisão; Eurídice queria assinar uma página no *Jornal das Moças*, se fosse nos tempos atuais, provavelmente criaria um blog na internet. O romance de Martha Batalha oferece com densidade uma série de práticas datadas historicamente, que num contraste com outros tempos históricos, fornece subsídios capazes de caracterizar o período da metade do século XX. (TIMM, 2018, p. 64)

Passadas tantas décadas, são poucas as mulheres que viveram sua juventude nos anos 40 que ainda estão entre nós. Mas as mulheres que já partiram influenciaram as mulheres das gerações seguintes, visto que a mentalidade e os costumes de nossas mães, avós e bisavós refletem direta ou indiretamente na nossa criação. Em pleno século XXI, ainda existem muitas Eurídice. De acordo com a autora,

[...] o mais real deste livro está na vida das duas protagonistas, Eurídice e Guida. Elas ainda podem ser vistas por aí. Aparecem nas festas de Natal, onde passam a maior parte do tempo sentadas, com o guardanapinho nas mãos. São as primeiras a chegar e as primeiras a ir embora. Comentam sobre os temperos do bolinho de bacalhau, sobre os calores ou chuvas do dia, sobre o vinho que algumas tomam, mas não muito, não muito. Perguntam se o marido vai bem, se a sobrinha-neta já tem namorado, se o sobrinho-neto está encaminhado. Algumas precisam de ajuda para sair do sofá e se sentar na mesa de jantar. Muitas já perderam o apetite, e encaram com desinteresse as fatias de peru. Outras se animam na hora da sobremesa, porque rabanadas são sempre bem-vindas. Voltam quietinhas para o sofá e olham os jovens abrindo os presentes, com um jeito de quem só consegue ver o passado.

(BATALHA, 2016, p. 8)

Seja para preservar as tradições ou para rompê-las, é fundamental conhecer o passado destas mulheres para criarmos um presente e um futuro melhor. E este conhecimento pode ocorrer tanto pela leitura de livros de história, quanto pela leitura de obras literárias como esta, que dialoga com a história “seja na configuração ficcional de fatos públicos, seja na construção narrativa de acontecimentos privados” (TIMM, 2018, p. 64).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou analisar o romance brasileiro *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. Com ênfase no perfil da personagem Eurídice através dos eixos trabalho, casamento, sexualidade e maternidade –, a condição feminina foi analisada e comparada à condição das mulheres brasileiras dos anos 40 com perfil semelhante. Tal análise levou-nos a reflexões sobre o pensamento e os costumes patriarcais vigentes da época e seu impacto – direto ou indireto – na vida das mulheres até os dias atuais.

A obra retrata o que foi ter sido mulher na sociedade brasileira dos anos 40. “No entanto, Batalha deixa claro para os leitores que, na história que se conta, há um recorte de gênero, raça e classe: trata-se da vida de uma mulher de classe média, branca e heterossexual, uma perspectiva privilegiada dentro e fora da narrativa”. (DUTRA, 2018, p.168). Estes recortes são importantes para pensarmos que, embora a trajetória de Eurídice tenha sido repleta de opressão, ainda assim, há mulheres de sua época que sofreram outros tipos de violências e que foram tão ou mais invisibilizadas quanto ela.

Para o desenvolvimento do estudo, o trabalho foi dividido em três capítulos principais. No primeiro, que foi dividido em quatro seções, apresentamos Eurídice e analisamos os tipos de opressão sofridos pela personagem no decorrer da narrativa, através de passagens da obra. Também foi analisada a forma como a narradora descreve as relações familiares e sociais, as subjetividades da personagem, bem como suas frustrações e os efeitos das violências sofridas. No segundo capítulo, refletimos sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira, dos anos 40 aos dias atuais, analisando as mudanças ao longo destas oito décadas. No terceiro capítulo, abordamos a relação entre literatura e sociedade, refletindo sobre a importância de lermos obras que retratem o passado das mulheres.

O presente estudo permitiu, portanto, conhecermos os papéis atribuídos às mulheres – brancas e de classe média –, na primeira metade do século XX, mais especificamente nos anos 40. Criadas para dedicarem-se inteiramente ao lar e serem submissas aos maridos, o ideal de realização era ser uma excelente mãe, esposa e dona de casa.

Ao compararmos com a contemporaneidade, percebemos que estes papéis sofreram alterações no decorrer das décadas, porém o pensamento patriarcal vigente da época ainda apresenta resquícios. Foram muitos os esforços para que as mulheres conquistassem todos os direitos que têm atualmente e, ainda assim, a luta por uma sociedade mais justa e igualitária está longe de terminar.

A leitura de obras como *A vida invisível de Eurídice Gusmão* é essencial para conhecermos o passado das mulheres e lutarmos para ele não se repita. Este trabalho, portanto, é uma contribuição para a compreensão da história das mulheres do século XX, além de ser uma reflexão sobre a história que as mulheres desejam construir no século XXI.

REFERÊNCIAS

A VIDA invisível de Eurídice Gusmão. Direção de Karim Aïnouz. Brasil/Alemanha: Canal Brasil/ Pola Pandora Filmproduktions/ RT Features/ Sony Pictures Releasing, 2019. 1 DVD (139 min.).

ALI, Yashar. **Por que as mulheres não estão loucas**. Papo de homem. Publicado em 18 ago.2013. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/porque-as-mulheres-nao-estao-loucas/>. Acesso em 10 ago. 2021.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BERND, Zilá. **O extremo contemporâneo na literatura brasileira**. ALEA, vol. 21/3 p. 253-257. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/LVd73pm5qWKh77kksfTrWmP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. Congresso. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito Com a finalidade de investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência. **Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito**. Brasília, Senado Federal, 2013, p. 1003. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em: 15 ago. 2021.

_____. Artigo 315 da Lei nº 3.071 de 01 de janeiro de 1916. 1942. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11464018/artigo-315-da-lei-n-3071-de-01-de-janeiro-de-1916> Acesso em: 31 ago. 2021.

_____. Lei Maria da Pena. Lei N.º11.340, de 7 de agosto de 2006. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL é o 2º onde se perde a virgindade mais cedo. Vírgula. Brasil, 01 de ago. de 2007. Disponível em: <https://www.virgula.com.br/inacreditavel/brasil-e-o-2o-onde-se-perde-a-virgindade-mais-cedo/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CÉSAR, Ruane Cristine Bernardes; LOURES, Amanda Freitas; ANDRADE, Bárbara Batista Silveira. **A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher**. Revista Mosaico 2019. Jul./Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 68-75. Disponível em:

<http://editora.universidadedevasouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956/1342>. Acesso em: 25 ago. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanezi. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3rias-das-mulheres-no-brasil.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013. Disponível em: <https://lelivros.love/book/download-historias-e-conversas-de-mulher-mary-del-priore-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

_____. **Histórias íntimas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2014.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

DIAS, Naide Silva. **Uma análise das protagonistas de *A vida invisível de Eurídice Gusmão* e *Purple Hibiscus* sob as lentes do dialogismo e da crítica feminista**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020). Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/29153>. Acesso: 10 ago. 2021.

DIVISÃO de tarefas domésticas ainda não é abraçada por eles. Claudia. Brasil, 21 de fev. de 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/divisao-de-tarefas-domesticas-ainda-nao-e-abracada-por-eles/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DUTRA, Paula Queiroz. **Martha Batalha – A vida invisível de Eurídice Gusmão**. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 26, p. 166–170. 23 maio 2018. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/336/392>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ESPÍNOLA, Melissa Rhênia Barbosa et al. **Conhecimento é liberdade: os neologismos no movimento feminista brasileiro**. E-book: Educação como (re) existência: mudanças, conscientização e conhecimentos - Volume 03. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 569-587. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2020/ebook3/TRABALHO_EV140_MD7_SA100_ID1364_11092020164640.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

FERREIRA, Raquel. **Estupro marital**. Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Brasil, 01 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/estupro-marital/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FONSECA, Rafaela Aparecida Gonçalves; RIBEIRO, Débora Inácia. **Início do movimento político LGBT no Brasil, cultura e visibilidade de identidades sexuais femininas**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n.12, p.94739-94749 dez. 2020. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/21070/16794>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GALDINO, Amanda Montenegro; ROCHA, Luísa Câmara. **Aborto legal e seguro para não morrer**: é pela vida das mulheres. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito - Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba, Nº 01, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/23624/13602>. Acesso em: 17 ago. 2021.

GASLIGHT. Direção de George Cukor. Estados Unidos da América: Metro-Goldwyn-Mayer, 1944. 1 DVD (114 min.).

GAY, Roxane. **Fome**: uma autobiografia do (meu) corpo. Trad. Alice Klesck. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2017.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio de Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOVERNO comemora aumento da representatividade feminina na política. Portal do Governo Federal. Publicado em 04 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/governo-comemora-aumento-da-representatividade-feminina-na-politica>. Acesso em: 17 ago. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.

_____. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

JORNAL das Moças. Disponível no acervo Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Jornal das Moças: Revista Quinzenal Ilustrada. - RJ. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 11 ago. 2021.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

LUPIÃO, Andreza Cristine; OKAZAKI, Egle de Lourdes Fontes Jardim. **Métodos anticoncepcionais**: revisão. Rev Enferm UNISA 2011; 12(2): 136-4. Disponível em: https://www.academia.edu/24906589/M%C3%A9todos_anticoncepcionais_revis%C3%A3o?bulkDownload=thisPaper-topRelated-sameAuthor-citingThis-citedByThis-secondOrderCitations&from=cover_page. Acesso em: 17 ago. 2021.

MALUF, Marina; MOTT Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil (volume 3)**: República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATOS, Paulo Roberto; ABRANTES, Elizabeth Sousa. **Virgindade, uma questão de**

honra: sexualidade feminina na São Luís republicana (1880-1920). XXVII Simpósio Nacional de História. Brasil, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364956727_ARQUIVO_ArtigoPauloAnpuh2013doc.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

MEDEIROS, Kenia Gusmão. **O avesso da submissão - Reconstrução histórica por meio da literatura:** resistências femininas costuradas no romance “A vida invisível de Eurídice Gusmão”. Revista Rascunhos Culturais. Brasil, 2018. Disponível em: https://revistarascunhos.ufms.br/files/2019/06/rascunho_17.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

MICHAELSEN, Mariana Vogt; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Ela sabia desaparecer com (o) os pedaços de cebola:** mulheres, (in)visibilidades e livros de receitas. Revista Confluências Culturais v. 9 n. 2. Brasil, 2020. Disponível em: <http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/88>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais te ver.** Trad. Mariana Sanchez. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

MORAIS, Leicemar. **Como escolher o melhor regime de bens para o casamento?** Instituto de Direito Real. Brasil, 27 de abr. de 2020. Disponível em: <https://direitoreal.com.br/artigos/como-escolher-o-melhor-regime-de-bens-para-o-casamento>. Acesso em: 17 ago. 2021.

O CRUZEIRO. Disponível no acervo Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional Digital do Brasil. O Cruzeiro: Revista Semanal Ilustrada. - RJ. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pagfis=332>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ONU: taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução. Nações Unidas Brasil. Brasília: 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

ORTNER, Sherry. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura, a sociedade.** Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (org.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PESQUISA da USP revela que o jovem inicia cedo a vida sexual. Portal do Governo de São Paulo. Brasil, 12 de jul. de 2007. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/pesquisa-da-usp-revela-que-o-jovem-inicia-cedo-a-vida-sexual/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

PESQUISA do IBGE aponta que brasileiros têm casado menos e se divorciado mais rápido. IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família. Brasil, 10 de dez. de 2020. Disponível em:

<https://ibdfam.org.br/index.php/noticias/8040/Pesquisa+do+IBGE+aponta+que+brasileiros+t%C3%AAm+casado+menos+e+se+divorciado+mais+r%C3%A1pido>. Acesso em; 17 ago. 2021.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

QUERIDA. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editores. Disponível no acervo do Unicentro Paraná. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/cedoci/acervo/#1540386323629-e1e5d439-338a>. Acesso em: 31 ago. 2021.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosângela Cardoso da. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2238-8605, Ano 2, número 2, agosto de 2013. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174519.pdf. Acesso em: 17 ago. 2021.

RIOS, Maria Galvão; GOMES, Isabel Cristina. **Casamento contemporâneo**: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. Estudos de Psicologia, v. 26, n. 2, p. 215-225, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/88yxf5HcJdYKY7DZv6ZmhDf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2021.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

TIMM, Mateus Robaski. **Conhecendo o passado: relações entre a literatura brasileira contemporânea e a escrita da história**. Navegações, 11(1), 57-67. Brasil, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2018.1.33019>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TORRES, Maximiliano. “**Não era dor / o que sentia / era abismo**”: cartografias de um eu em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha. Revista *Ártemis*, Vol. 29, Ed. 1. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/3f1ab9cd0d6d9e0240624a69293b8af2/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 01 set. 2021.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem**: o mito da desigualdade. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1925] 2015.

_____. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1929] 2019.